RODRIGO PIOVESANA

CIDADE EM MOVIMENTO:

Um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Cândido Rondon – Paraná.

RODRIGO PIOVESANA

CIDADE EM MOVIMENTO:

Um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Cândido Rondon – Paraná.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite

DOURADOS – 2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

306.1 Piovesana, Rodrigo
P662e Cidade em movimento : um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Candido Rondon – Paraná / Rodrigo Piovesana. – Dourados, MS : UFGD, 2007.
175p.

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Antropologia urbana. 2. Marechal Cândido Rondon , PR (Cidades) – Identidade. 3. Espaço urbano - Marginalidade. I. Título.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar as relações e práticas pelas quais os adictos de Marechal Cândido Rondon – Paraná, reinventam o espaço da cidade, em muitos momentos, estabelecendo uma relação de estranhamento com a cultura hegemônica local. Os estilos de vida dos adictos rondonenses acabam por apresentar a face de uma outra cidade, diferente daquela cidade ritualizada em torno da construção de uma identidade germânica, muito mais diversa, heterogênea e ambígua. O desafio foi construir uma análise, em que, o significado da experiência vivida pelos sujeitos e os valores elaborados ou reelaborados dela vieram a constituir-se no eixo central da investigação. Desta forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo e tridimensional, onde os diversos lugares que constituem a cidade, são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria. Certamente, não bastou identificar a heterogenidade pertinente a cidade. Foi preciso, para além, verificar as implicâncias que decorrem do ato de impor a hegemonia cultural, diante da impossibilidade de homogeneizar o que por definição é multiplo, fluído, diverso. Esta motivação levou-me a investigar, por meio da metodologia sustentada pela História Oral e inspirado no "fazer etnográfico", os adictos de Rondon, no que concerne aos seus modos de vida, suas práticas cotidianas, suas visões de mundo e, de maneira mais pontual, a relação de estranhamento, derivada da contradição existente entre seus estilos de vida e os valores decorrentes da idealização da cultura germânica local.

Palavras Chaves: História – Espaço urbano – Identidade - Marginalidade.

ABSTRACT

This research proposes it analyzes it of the relationships and practices for the which the addicted of Marechal Cândido Rondon–Paraná, they reinvent the space of the city, in many moments, establishing a conflict relationship with the local culture hegemony. The lifestyles of the addicted rondonenses end for presenting the face of another city, different from that city organized around the construction of a Germanic, much more several, heterogeneous and ambiguous identity. The challenge went build an analysis, in that, the meaning of the experience lived by the subjects and the elaborated values or reelaborados of her came to constitute in the central axis of the investigation. This way, the city stops being purely a space geographical, plan and homogeneous, to constitute in a heterogeneous and three-dimensional social space, where the several places that constitute the city, are, actually, territories endowed with an own rationality. Certainly, it was not enough to identify the pertinent heterogenidade the city. It was precise, for beyond, to verify the problems that elapse of the act of imposing the cultural hegemony, due to the impossibility of homogenizing what by definition is multiple, flowed, several. It was with this motivation that I tried to investigate, by means of the methodology sustained by the Oral History and inspired by the "to do etnographical", the addicted of Rondon, in what concern to its life manners, its daily practices, its world visions and, in a more punctual way, the conflict relationship, derived of the existent contradiction between its lifestyles and the current values of the imposition of the local Germanic culture.

Key words: History - Space Urban - Identity - Exclusion

A Izabel, minha companheira.
Ao Gabriel, filho amado.

Só seremos universais se conhecermos e amarmos nossa aldeia.

Tostoi

SUMÁRIO

Resumo.....5
Abstract.....6
LISTA DE FIGURAS.....10
INTRODUÇÃO.....11
CAPÍTULO I: Prazer! eu sou Rondon.....26
1.1. O Processo de colonização e a Maripá.....27
1.2. Da vila General Rondon a emancipação.....32
1.3. A afirmação simbólica do município.....34
1.4. Oktoberfest – a mais simpática do Brasil.....46
1.5. A germania e o outro.....51
CAPÍTULO II: Os contra sujeitos da contra cidade.....57
2.1. A cidade e a questão das drogas.....57
2.2. A Oktoberfest *enquanto um problema*.....68
2.3. O tipo ideal e os sujeitos adictos.....77
2.4. Marginal ou cidadão: conceitos que se confundem.....102
2.5. Práticas que não combinam.....110
CAPÍTULO III: A Reinvenção da Praça.....125
3.1. Qual é o significado da praça?.....125
3.2. Descrição da praça.....129
3.3. Precedentes Históricos.....131
3.4. O Projeto de Remodelação: outra intervenção, novos sentidos.....134
3.5. A apropriação do espaço: sujeitos imprevistos, suas práticas e os novos significados.....140
3.6. Quando as margens migram para o centro.....147
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....157
V -FONTES.....161
5.1. Jornalísticas.....161
5.2. Documentos oficiais de época 164
5.3. Orais - Entrevistas realizadas pelo autor.....165
5.4 Orais – Outras entrevistas.....166
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....167
VII Anexos.....172
7.1. Roteiro para orientação de entrevistas.....172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de divulgação da Festa Municipal 35
Figura 2 – Foto montagem, construções adaptadas ao estilo germânico.....37
Figura 3 – Maquete do projeto de construção do pavilhão de eventos.....39
Figura 4 – Foto montagem, vista parcial do Fórum e do Portal municipal.....40
Figura 5 – Foto montagem, vista parcial do Estádio e do Parque Municipal.....42
Figura 6 – Foto do Memorial Histórico e da Galeria dos Ex-Prefeitos.....43
Figura 7 – Foto montagem, vista parcial do novo centro de eventos.....45
Figura 8 – Foto do monumento de Marechal Rondon.....45
Figura 9 – Cartaz de divulgação da *Oktobertest*.....47
Figura 10 – Foto montagem, representação espacial da praça Willy Brath.....128

INTRODUÇÃO

Esta dissertação originalmente integra uma trajetória de experiências pessoais posteriormente vinculadas a discussões acadêmicas. A preocupação inicial, que não tarda em transformar-se em "angústia reflexiva", enquanto incômodo que reclama respostas, localiza-se no tempo em que eu ainda cursava a graduação.

Em 1999, por motivo de estudo, mudei-me de Matelândia para Marechal Cândido Rondon, ambas as cidades localizadas no Extremo Oeste do estado do Paraná. Naquele momento, enquanto estudante de História recém estabelecido na cidade, conhecia Rondon somente por meio de relatos que propagavam a "famosa cidade germânica e sua *Oktoberfest*".[1] Dois anos depois, mais precisamente em agosto de 2001, iniciei em Rondon, juntamente com outros amigos, integrantes de um grupo de jovens local, uma ONG[2] da qual tornei-me vice-presidente.

A ONG - Sagrada Família de Nazaré[3] - possuía como um de seus principais objetivos, o tratamento de adictos[4] e sua posterior reinserção no bojo do convívio social. Para possibilitar este trabalho, compramos uma propriedade rural - nomeada como Chácara São José - onde seria realizada a atividade de internamento e "recuperação" de usuários de drogas.

Na chácara não utilizávamos nenhum tipo de química ou remédios, mas a recuperação se processava através de uma imensa força de vontade do adicto, inserido numa rotina de trabalho, espiritualidade e regras. Foi justamente neste ponto, o do cumprimento de regras, que me deparei com a primeira experiência interessante: os adictos, em sua maioria, possuíam uma aversão a regras e recebiam-nas não como um mecanismo de organização da coletividade, mas como uma privação de sua liberdade e, portanto, um castigo.

---

[1] Esta questão é parte integrante de minha problemática de pesquisa e será tratada mais adiante.

[2] A sigla refere-se à organização não governamental. Neste caso, trata-se, conforme seu estatuto, de uma associação civil, de direito privado, com caráter cultural, educativo, filantrópico, assistencial e beneficiente, sem fins lucrativos.

[3] Utilizarei o nome verdadeiro da ONG, bem como da chácara de recuperação a ela vinculada, que embora sendo conhecidas no município, nomeá-las não causará nenhum prejuízo ao sigilo e resguardo das identidades dos entrevistados, que serão identificados a partir de pseudônimos.

[4] Adicto, do Aurélio: afeiçoado, dedicado, apegado. Aquele que não consegue abandonar um hábito nocivo, mormente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos. A utilização do termo, visa evitar denominações da linguagem popular que possam expressar algum tipo de preconceito, como, por exemplo, "drogado" que é uma noção ligada a idéia de criminalidade.

Outra experiência interessante se deu com o passar do tempo. Morei durante seis meses na mesma casa dos dependentes, onde exerci a função de coordenador, tendo a possibilidade de compreender que aqueles indivíduos que ali estavam internados eram pessoas comuns, com qualidades e defeitos, com projetos e sonhos, com seus anseios e visões de mundo, dotados de um único diferencial: quase em sua totalidade, sentiam-se excluídos e marginalizados por uma sociedade permeada de preconceitos que hostilizava seus padrões de comportamento e suas condições de vida.

Esta segunda experiência, que se deu através de relações estabelecidas no convívio na casa de recuperação, proporcionou-me um novo olhar sobre os usuários de drogas, permitindo que se desfizesse uma série de preconceitos, como, por exemplo, a idéia de que todo adicto é mau caráter, violento, com distúrbios de personalidade, comportamento e hostil a sociedade.

De outra maneira, esta experiência de aproximação com sujeitos que possuíam "estilos de vida" diferenciados, daquele comumente aceito pela sociedade mais ampla, contrastava, de forma mais pontual, com o extremo simbolismo germânico, característico da cidade de Rondon, e com os discursos e práticas sociais que procuravam legitimar a existência de um "tipo ideal", derivado desta construção simbólica, em detrimento de um "outro" ou "de fora".

Para além da experiência pessoal, os contrastes e estranhamentos iniciais foram trazidos para a reflexão acadêmica. O primeiro debate realizado no âmbito da universidade, se deu em 2002, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pelo convite de um professor da disciplina de prática de docência, para que discutíssemos - eu e o então presidente da ONG - com os alunos do 4º ano do curso de História, a questão da dependência química relacionada à educação e prática docente.

Devido à profundidade e produtividade das reflexões e questionamentos que derivaram dos debates, o professor incentivou a realização de pesquisas acadêmicas que dessem conta de trazer para o âmbito da História as questões relativas às discussões. Naquele momento, nasceu o primeiro requisito que me encaminharia para a realização da dissertação que hoje me proponho: o desejo de fazer das questões pertinentes à dependência química um objeto de estudo da História.

A oportunidade surgiu em 2003, com o curso de especialização da UNIOESTE,[5] para o qual estabeleci tal problemática como proposta de estudo. Primeiramente pensei em realizar uma análise da "sociedade alternativa" dos dependentes químicos da região Oeste do Paraná. Neste momento tinha a intenção de averiguar até que ponto existia entre os dependentes químicos uma sociedade à parte, diferente da tradicional, com costumes, linguagem, visão de mundo e relacionamentos próprios.

A medida que as disciplinas do curso da especialização foram ocorrendo, as discussões realizadas em sala de aula trouxeram diversas contribuições e forneceram referenciais fundamentais para a consolidação da problemática, transformando o enfoque inicial da pesquisa.

Assim, especialmente a partir das discussões sobre a figura do trabalhador e sua disputa pelo espaço urbano, do entendimento de que a cidade é um lugar de práticas de sujeitos que se organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço urbano, de que este espaço urbano não é homogêneo, mas formado por uma complexa arquitetura de territórios que não estão simplesmente justapostos uns aos outros, que é no campo do cotidiano que se torna possível visualizar e compreender os papéis informais, os pormenores significativos, as condições de vida de uma série de sujeitos durante muito tempo subsumidos frente a uma história homogeneizante, que surgiu uma nova problemática de pesquisa: a análise e compreensão das relações e práticas pelas quais os adictos de Marechal Cândido Rondon reinventam o espaço da cidade.

O próprio tema e a problemática da presente pesquisa já estabelecem um certo posicionamento teórico-medotológico do trabalho. Tem a ver com a história dos marginais numa perspectiva micro-histórica, na qual, as trajetórias de vida individuais assumem um papel relevante, no sentido de contribuírem para a elaboração ou reelaboração de uma nova história da cidade, ou melhor, uma perspectiva diferente vista sob um novo ângulo, diferente daquele da história tradicional, que pretendia a cidade de Rondon como sendo única e exclusivamente de origem germânica.

---

[5] Programa de pós-graduação *latu sensu,* área de concentração: História e Região, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. O programa exigia como trabalho de conclusão de curso, não uma monografia, mas um projeto de dissertação aprovado em banca no final do curso, pois, tinha como finalidade, a preparação de seus alunos para ingressarem num futuro programa de mestrado.

A proposta de incorporação das experiências dos sujeitos esquecidos, banidos pela história tradicional, a partir de suas próprias vozes e termos, fundamenta-se pela vontade de uma história crítica, consciente e democrática. Nesta perspectiva, a "história dos marginais" entra em cena e os historiadores da marginalidade começam preenchendo as lacunas da história tradicional, trazendo de volta à memória os esquecidos da história: simples vagabundos, criminosos obscuros, bruxos de aldeias, usuários de drogas ou prostitutas. A perspectiva da história tradicional parece hoje insuficiente, limitada pela sua própria posição, ou seja, a de fazer história a partir do centro, na qual os papéis representados pelas elites do poder, da fortuna, ou da cultura parecem ser os únicos que contam.

Desta forma, a urbe torna-se um campo amplo para a pesquisa, pois é um espaço heterogêneo, construído historicamente pelos mais diversos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço onde habitam, dotando-o de uma racionalidade própria. Toda vez que uma pesquisa se orienta para o trato de qualquer experiência de vida a preocupação com o estudo do espaço assume uma importância capital, pelo simples fato, de que, é inexeqüível desmembrar a trajetória de vida de qualquer sujeito, do espaço no qual ela ocorreu. Assim, cidade, identidade, marginalidade e espaço são noções fundamentais que orientam a pesquisa que proponho.

O entendimento de que o espaço urbano é constituído pela ação dos múltiplos sujeitos que o habitam e por isso mesmo é heterogêneo, está sempre em movimento e constante reelaboração, é de grande importância para compreendermos a relação existente entre o grupo estudado e o próprio fazer-se da cidade.

Neste sentido, os estudos de Rosangela Maria S. Petuba foram de grande valia, contribuindo para fundamentar a perspectiva, pela qual, a cidade será abordada. Petuba trabalha a questão da luta pela posse da terra urbana, em Uberlândia, nos anos 1980-1990, tendo como enfoque principal o "significado da experiência humana vivida por esses ocupantes de terra e a maneira pela qual essa vivência contribui para a reelaboração de seus valores influindo no próprio fazer-se dessa cidade." [6]

Há uma convergência significativa no momento em que a autora entende a cidade como um lugar de práticas dos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam

[6] PETUBA, Rosângela M. S. *Pelo Direito a Cidade: Experiência e luta dos ocupantes de terras do bairro D. Almir – Uberlândia / 1999-2000*. Dissertação de mestrado, Uberlândia, UFV, 2001. P. 08.

o espaço urbano. Esta é uma noção fundamental, a de entender a cidade como um espaço heterogêneo construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada, pronta e acabada, mas está em movimento, em constante transformação pela ação dos diversos e múltiplos atores que através de suas lutas cotidianas impunham a cidade um movimento de constante transformação.

Levando-se em consideração a heterogeneidade da cidade, ela torna-se um campo amplo para a pesquisa, como é o caso dos estudos de Petuba, sobre a disputa de trabalhadores que vieram do campo e passam a reivindicar o espaço urbano. Outros, debatem com questões relativas aos trabalhadores informais, como é o caso dos catadores de papel e vendedores de cachorro-quente. Na minha pesquisa o ator urbano é o adicto, que também enquanto sujeito histórico, protagonista da construção do espaço urbano, reinventa, de sua forma, de seu modo, o espaço da cidade.

Buscando contribuir e abordar problemáticas cada vez mais presentes no campo da História, o desafio foi construir uma análise em que o significado da experiência vivida pelos sujeitos e os valores elaborados ou reelaborados dela vieram a constituir-se no eixo central da investigação. A percepção de que as experiências desses sujeitos históricos e sociais, acumulam-se e expressam-se em forma de valores, imagens, crenças e sentimentos acerca de si próprios e da cidade, tornou-se fundamental para definir as diretrizes que problematizaram o objeto de estudo.

Assim, para além de um espaço meramente geográfico, a cidade é constituída de fronteiras simbólicas que ordenam as categorias sociais e os grupos sociais em suas mútuas relações. Sobre esta discussão, o texto de Antonio Arantes foi lapidar. Arantes utiliza, como hipótese de trabalho, a suposição de que a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, que resultam na formação de contextos espaço – temporais flexíveis: "Penso que os lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros como se formassem um grande mosaico. A meu ver, eles se superpõem e, entrecruzando-se de modo complexo, formam zonas simbólicas de transição" [7]

[7]ARANTES, Antônio A. A Guerra dos Lugares. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: nº23, 1994. p.191.

Desta forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo e tridimensional, onde os diversos lugares que constituem a cidade, são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria definida pela elaboração e reelaboração dos diversos valores sociais constituídos ao longo da experiência das diversas categorias e grupos sociais que, ao seu modo, reivindicam o espaço urbano.

Neste mesmo sentido, a abordagem do espaço urbano por Raquel Rolnik é esclarecedora. A autora, afirma que o que caracteriza a história urbana em contraposição a uma história na cidade é a especificidade do foco sobre a configuração espacial. Porque o espaço, a configuração física, esta materialidade é uma variável histórica e uma variável teórica sendo, portanto, uma fonte, da mesma forma que um arquivo ou um registro. A noção que se pode usar para se tentar pontuar esta questão é a noção de território desenvolvida por Rolnik.

Conforme Rolnik contrapondo-se a noção de espaço à noção de território, há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território: " O território é uma noção que incorpora a idéia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito" [8]

A idéia de existência de territórios no espaço urbano é a idéia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais e é esta marca que faz o território, ou seja, o território não existe previamente, anteriormente à marca ou ao processo social e coletivo que o produziu.

O conceito de territorialidade proposto por Rolnik fica evidente nos estudos de Marcos Alvito, sobre a favela carioca de Acari. Alvito demonstra que a pretendida favela de Acari não existe, mas sim, existe um complexo formado por várias localidades constituídas por uma racionalidade própria, com códigos de honra próprios, como se formassem vários mundos distintos: "se tomássemos qualquer uma das mais de 600 favelas existentes no

[8] ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade? In:*Cidade &Cidades: Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX.* Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes (org.) UFBA/Arquitetura. p.28 Raquel Rolnik é diretora de planejamento da SEMPLA e doutoranda em História Urbana na New York University.

município do Rio de Janeiro, encontraríamos em cada uma delas um arranjo original e único de níveis diferenciados e imbricados" [9]

Contudo, a proposta de estudo da reinvenção do espaço urbano por sujeitos marginalizados frente à história tradicional, inevitavelmente nos remete a alguns questionamentos acerca das fontes a serem utilizadas ou dos documentos a serem privilegiados, como bem pontua Schmitt: "Cada vez que a história se orienta para novos "territórios", ressurge a mesma questão: existem documentos específicos que permitam responder às novas problemáticas? No caso presente, a pergunta é mais árdua ainda: como ouvir a voz dos marginais do passado, quando, por definição, ela foi sistematicamente abafada pelos detentores do poder, que falavam dos marginais, mas não os deixavam falar." [10]

Neste sentido a renovação dos métodos de investigação às vezes permite os melhores resultados, como é o caso da utilização do método de História Oral que visa a produção de sua própria fonte documental. O testemunho oral viabiliza o esclarecimento de trajetórias individuais, histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, ou seja, história dos excluídos. Por dar atenção aos excluídos da história, à história do cotidiano e da vida privada, por visar a história local e enraizada e por ter a história do tempo presente como perspectiva temporal por excelência, a história oral parece atender bem ao propósito desta pesquisa.

Nesta pesquisa a abordagem da história oral não visa aceitá-la como uma nova história e tão pouco como uma mera técnica, mas sim assumi-la como uma metodologia possível. Desta forma, compartilhando da perspectiva de Amado e Ferreira, a história oral como metodologia estabelece e ordena procedimentos de trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática: "Na área teórica a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico." [11]

---

[9] SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. *As Cores de Acari: Uma Favela Carioca.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 74.

[10] SCHMITT, Jean Claude. A História dos Marginais. In: *A História Nova.* Jacques Le Goff (org.). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 284.

[11] AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. 5ª ed. – Rio de Janeiro: editora FGV,2002. p.03.

Contudo, o método de história oral sofre algumas variações dependendo da maneira como o encaramos e o aplicamos. A aplicabilidade de tal método torna-se um fator fundamental a ser discutido, pois o "mau uso e os abusos" cometidos em sua utilização podem até mesmo invalidar a pesquisa em termos de conceituação científica. Neste sentido os apontamentos de Pelermutter nos chamam a atenção: "Um fator que vulnerabiliza a história oral e 'agride' os princípios científicos clássicos é o fato de apoiar-se na memória individual. Ainda que a memória esteja moldada de diversas formas pelo meio social o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais." [12]

A história oral hoje está passando por um momento de maior maturidade em relação a um primeiro momento no qual se pretendeu dar aval a uma história portadora da verdade. Em sua maturidade a história oral empreende a investigação das memórias tendo que enfrentar necessariamente a questão da subjetividade. Porém, a análise da subjetividade nos impõe uma variável a cerca da investigação, ou seja, ainda que este manancial de experiências não contemplado pelas fontes tradicionais encontrem na história oral um forte aliado, dependem de um fator que lhe é exógeno: a continência e o desejo por parte daquele que se posiciona no lugar da escuta, assim como nos afirma Perelrmutter: "O simples convite a prestar um depoimento pessoal não garante a abertura de comportas da represa subjetiva".[13]

A postura do entrevistador neste ponto se torna determinante. É necessário a intervenção silenciosa ou pronunciada do entrevistador no sentido de estimular o entrevistado a romper o automatismo de seu repertório de experiências.

Neste sentido, a história oral é encarada aqui como uma experiência analítica na qual se pressupõe a "escuta do movimento", ou seja, as formas que o corpo encontra para se expressar, o tipo de resposta perante o interlocutor, as variações corporais em relação aos conteúdos narrados, a afinidade entre o ritmo do corpo e o da narrativa. Todas estas são informações objetivas e observáveis no documento de história oral e que passam a contribuir para a compreensão da problemática subjetiva em cheque em uma determinada existência.

Todas as etapas de produção (definição do problema a ser investigado, pesquisa sobre o tema, seleção dos entrevistados, elaboração do roteiro, produção e realização de pré-entrevistas, condução e transcrição do depoimento e análise do material colhido) permite-nos a

---

[12] PERELMUTTER, Daisy. *A História Oral e a Trama Sensível da Subjetividade*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, PUC/SP, 1997. p. 23.
[13] Idem. p. 29.

comparação entre os depoimentos estabelecendo traços de singularidade e universalidade. Por sua vez, tais comparações, permitem-nos estabelecer mais claramente a experiência de vida dos sujeitos entrevistados, contribuindo, desta forma, para a compreensão de suas territorialidades no espaço urbano e os valores elaborados ou reelaborados em suas trajetórias de vida.

A partir deste entendimento e ciente da complexidade própria da constituição de qualquer fonte oral, parti para o trabalho de campo. A princípio, apenas com o diário de campo em mãos para registrar as primeiras impressões e informações colhidas no contato inicial, durante as pré-entrevistas.

Permaneci em Marechal Cândido Rondon até fevereiro de 2006, período, no qual, realizei um total de doze entrevistas, adotando como principal critério de seleção a audição de adictos que moram atualmente em Rondon sem, necessariamente, levar em conta os lugares de origem ou o momento em que se estabeleceram no município. Com isso, o conjunto de entrevistados pode contar com adictos naturais de Rondon e outros que vieram de localidades diferenciadas e, até mesmo, recém estabelecidos. Além desse critério, estabeleci como regra geral não priorizar adictos de um mesmo grupo, ou que possuíssem a mesma faixa etária, ou ainda, que fossem moradores de um mesmo bairro.

Essa estratégia, adotada com a intenção de contemplar a heterogeneidade característica da cidade e, de outra maneira, evitar a homogeneização reforçada pela imposição da identidade germânica, permitiu a composição de relatos diversificados, constituídos a partir de lugares e pontos de vistas diferenciados, mas que, no conjunto, forneceram pontos de convergência fundamentais para a compreensão de seus estilos de vida.

De outra maneira, sempre consciente de que uma escolha nunca é passível de neutralidade, a diversidade buscada foi qualificadora dos sujeitos que compuseram o repertório de entrevistados, em suas mais diferentes estratégias de luta e em seus modos diversificados de vida.

Outra questão importante a ser considerada é a que se refere ao meu envolvimento com o núcleo inicial de entrevistados e a composição das entrevistas que se depreenderam a partir daí. Desde o início, não me preocupei em organizar um arranjo dos sujeitos que entrevistaria. Busquei, de outra forma, estabelecer um núcleo inicial de entrevistados que eu já conhecia, devido as atividades com a chácara de recuperação. A partir daí, fiquei atento as

indicações fornecidas pelos próprios entrevistados, para assim constituir o conjunto de relatos. Este procedimento foi tanto importante quanto necessário, visto que, evita as tradicionais indicações de pessoas lídimas para falar e devido a dificuldade de construir uma relação de confiança com depoentes desconhecidos dado a ilegalidade de suas práticas.

Desta forma, a trama de entrevistados foi composta ao mesmo tempo em que estes foram lapidando minha problemática. Assim, procurei atar o conjunto de entrevistas, por meio de um método inspirado no fazer "etnográfico", valendo-se da observação, da descrição e da interpretação, o que permitiu uma leitura diferenciada sobre as formas de sociabilidade em que o uso das drogas está pressuposto, assim como bem pontua Magnani:

> O que caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade é o duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida – semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes – no âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional. [14]

Em função desta motivação, sempre que possível procurei articular os relatos com outros referenciais apontados em entrevistas já concedidas, enquanto que, o diário de campo contribuiu, em muitos momentos, com informações não aquilatadas através das entrevistas gravadas. Embora eu tenha elaborado um roteiro, as entrevistas mantiveram seu caráter particular, pois não utilizei o roteiro de forma sistemática. Este serviu apenas como norte para os questionamentos, que tomaram caminho nas próprias narrativas.

Cabe ressaltar ainda alguns entressaltos que aconteceram no decorrer da atividade de campo. Uma perspectiva claramente otimista de início, desfez-se ao longo do trabalho. Embora ciente da dificuldade de conquistar a confiança dos adictos, para que concedessem entrevistas, dado a ilegalidade e a conseqüente discriminação características de suas práticas e também por lidar com histórias de vidas marcadas por recordações dolorosas, acreditava eu, que podendo contar com o intermédio de adictos já conhecidos, conquistaria com facilidade uma gama considerável de entrevistados. Ledo engano. Os adictos, em sua grande maioria,

---

[14] MAGNANI, José Guilherme. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. in: *Na Metrópole*. São Paulo: Edusp. 1996. p.50.

desconfiam até mesmo de pessoas mais próximas. Assim, é que experimentei a difícil tarefa de construir uma relação de confiança com os entrevistados e, por vezes, fui até mesmo confundido com agentes da polícia.

De outra maneira, entre os usuários de drogas há uma classificação que pressupõe status e que diferencia o adicto "cabeça" do adicto "nóia". O usuário "cabeça" é o que supostamente mantém o controle da situação de uso, é aquele que "não dá bandeira", não se expõe e poucas pessoas sabem que ele é usuário. Já o usuário "nóia" é aquele que perdeu o controle da situação de uso e apresenta-se completamente vulnerável à droga. Seu vício predomina inclusive sobre as normas internas de comportamento do grupo com o qual faz o uso e sua transgressão expressa falta de consciência, marginalidade, loucura.

O autocontrole exigido e desejado remete não só ao conhecimento e à capacidade de seguir às normas de conduta do grupo com o qual se usa drogas, mas à capacidade em transitar deste para o da vida cotidiana, ou do lazer para o trabalho. Quando o indivíduo não realiza essa passagem de forma adequada, ele já não possui mais seu controle, assumindo então a categoria de "nóia".

Entre todas as drogas, o crack, sem dúvida, é aquela que mais está associada à perda de autocontrole e, por conseguinte, à degradação do indivíduo e de seus laços sociais (com a família, com os amigos, com o trabalho e a vida cotidiana). Por outro lado, a maconha é a mais tolerada e utilizada. O crack ocupa a posição oposta no sistema de classificação, associado ao que causa maiores danos à saúde, ao vício, à perda de controle sobre a droga, à dependência, à miséria etc. Não há aspectos positivos no seu uso. O usuário de *crack* é mal visto, justamente pela perca de controle da situação de uso.

Assim, ser considerado "cabeça" traz prestígio e status internos. O "cabeça" é bem visto pelos demais. Contudo, ser "cabeça" pressupõe controle, discrição e anonimato. Foi esta noção presente entre os adictos que, em muitos momentos, me impediu de realizar várias entrevistas.

Contudo, mesmo contrariado em minha expectativa de conquistar vários entrevistados, sempre estive muito seguro quanto ao entendimento de que a investigação a que me propunha não se pautava por uma análise quantitativa, mas qualitativa dos relatos. Neste sentido, penso ter obtido êxito, pois tive acesso a relatos densos e esclarecedores que me

permitiram a construção de uma análise pertinente em função dos objetivos mais pontuais da pesquisa.

De outra maneira, não poderia deixar de citar o árduo trabalho de transcrição das entrevistas. De forma particular, o vocabulário utilizado pelos adictos, carregado de gírias, exigiram um sobre-folêgo para compor as 162 páginas sobre as quais empreenderia, posteriormente, a minha análise.

Além das entrevistas, pesquisei também os arquivos do jornal local *O Presente* e documentos oficiais nos arquivos da prefeitura municipal. *O Presente* é hoje um jornal de circulação regional, que conta com a produção de seis a sete mil exemplares diários. A publicação de suas matérias representa um referencial de grande pertinência quanto a reprodução do discurso da elite predominante, que por meio da afirmação e reafirmação, visa legitimar a imposição da identidade germânica local.

Tanto na abordagem dos documentos oficiais dos arquivos públicos, quanto no trato atribuído as matérias da imprensa escrita local, optou-se pela análise do discurso, como instrumento legítimo para examinar a ligação entre a linguagem apresentada e as representações, por vezes excludentes, da "ideologia predominante". Neste sentido, Foucault nos lembra que há um campo de controle dos discursos através de procedimentos de exclusão, pelos quais a interdição, a rejeição e o sistema de verdadeiro e falso estabelecem quais pessoas e/ou discursos podem ser ouvidos, que palavras podem ser escutadas ou rejeitadas, enfim, qual é o discurso "verdadeiro".

Para ser considerado legítimo, o discurso deve ser pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido, o que implica em uma "vontade de verdade". Esta se liga à nossa "vontade de saber" e se apóia num suporte e distribuição institucionais, tendendo a exercer sobre os outros discursos uma pressão, como que uma espécie de coerção, "como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade". [15] Para Foucault, a postura adotada na análise do campo discursivo:

> (...) trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas conexões com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. [16]

[15] FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.1999. p.19.
[16] FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1997.p.31.

Da mesma forma, as formulações de Bourdieu sobre o "poder simbólico" são esclarecedoras no que concerne a imposição dos "discursos de verdades" pelas "vozes autorizadas". A imposição do discurso legítimo, para o autor, refere-se a um ato de direito, que consiste em afirmar com autoridade, com força de lei, uma "verdade". É um ato que, "por estar fundado, como qualquer poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência do que se enuncia." [17]

Essa grande autoridade do discurso provem, não das palavras utilizadas para compô-lo, mas, é um ato de "magia social" subordinado à confluência de um conjunto sistemático de condições interdependentes, que compõem os "rituais sociais". Assim, o sujeito instituído de determinada função é também o porta-voz autorizado, é aquele que concentra o capital simbólico, acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador, ou seja, é uma delegação de autoridade àquele que se torna legítimo e legitimado para impor o discurso autorizado e o princípio de divisão legítima do mundo social.

Tendo em conta estas diretrizes gerais, o *primeiro capítulo,* "Prazer! eu sou Rondon", visa apresentar a cidade de Marechal Cândido Rondon **simbolicamente construída,** com a intenção de situar o leitor quanto à produção e reprodução do **discurso de germanidade** em momentos históricos distintos, da história local. Para tanto, tornou-se necessário trazer para o debate as discussões a cerca do processo de **colonização dirigida,** sobre o qual se assentam os principais argumentos de justificação da imposição de uma identidade germânica para a cidade de Rondon.

De outra forma, apresenta-se também como tarefa do capítulo, dar ensejo a **problemática das alteridades** que se constituem a partir das prerrogativas de imposição da **identidade germânica** e, desta maneira, chamar a atenção para as relações de pertencimento e exclusão, que se produzem na tessitura do tecido social urbano.

O *segundo capítulo*, "Os contra sujeitos da contra cidade", por sua vez, procura **caracterizar as representações** sobre o problema do abuso de drogas e as maneiras pelas quais os adictos são encarados **no discurso hegemônico** da sociedade em questão.

[17] BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel. 1989. p. 114.

Igualmente, como veremos, postula por meio de tal discurso a caracterização de um "tipo ideal" vinculado a identidade germânica.

Os valores e práticas atribuídas ao "tipo ideal" germânico são, por vezes, conflitantes com os estilos de vida próprios dos adictos. Deste estranhamento, resulta uma visão, por parte dos adictos, confusa de si mesmo a cerca da noção de pertencimento a sociedade rondonense. Embora, sendo situados à margem da sociedade, pela lei e pelas prerrogativas do discurso hegemônico, percebem-se simultaneamente enquanto parte integrante e excluída da sociedade a qual pertencem.

O *terceiro e último capítulo*, "A reinvenção da praça", tem por objetivo contemplar diretamente o objetivo geral da pesquisa, pois possibilita analisar as práticas dos usuários de drogas através **da reinvenção do espaço da cidade**, na medida em que a praça central Willy Barth é transformada em **território da drogadicção**.

Desta forma, justamente num espaço de extrema evidência para a sociedade rondonense, não somente pela sua localização geográfica, situado no "coração da cidade", mas, igualmente, pela importância do simbolismo que representa, constituem-se, por meio de uma prática ilegal, sociabilidades diferenciadas. Os valores, práticas, estilos de vida dos adictos, apontam para uma outra cidade, diferente daquela germanicamente idealizada. A rigor, suas sociabilidades estabelecidas em plena praça central, denunciam aquilo que a cidade é em sua essência: multiplicidade, ambigüidade, heterogeneidade.

De maneira geral, o trabalho como um todo foi orientado pela perspectiva da história cultural, conforme a definição proposta pelo historiador francês Roger Chartier, [18] quando afirma que história cultural pode ser definida como uma história das representações, isto é, a história da maneira como os indivíduos e a sociedade concebem (representam) a realidade e de como essa concepção orienta suas práticas sociais.

Segundo Chartier, no método da história cultural se dá a substituição da tradicional história social da cultura, que privilegia as chamadas estruturas econômicas e sociais na análise da produção material e cultural das civilizações, por uma história cultural do social, que ao contrário considera o imaginário social como a fonte das ações individuais e coletivas, materiais e culturais.

---

[18] CHARTIER, Roger. O mundo como representação e a história entre narrativa e conhecimento. in: ____. *A beira da falésia, a história entre a certeza e inquietude*. Porto Alegre: EUFRGS. 2002. p. 78.

Essa verdadeira ruptura metodológica no estudo da história implica igualmente a redefinição do próprio conceito de cultura: esse conceito não se limita mais à chamada cultura intelectual e artística, mas passa a englobar toda a produção social, no sentido preciso de que tudo é cultural, isto é, de que toda prática individual ou coletiva tem uma matriz cultural e só pode ser compreendida como produto de uma determinada representação do mundo.

I CAPÍTULO: Prazer! Eu sou Rondon.

Narrar a cidade contemporânea é se propor a experiência de alcançar mil lugares sem chegar a ponto algum. Isso se deve ao fato de que a cidade está em toda a parte e não está plenamente em parte alguma. O movimento, a fluidez, a heterogeneidade e as contradições urbanas fazem da cidade uma complexa arquitetura de territórios muitas vezes efêmeros e sobrepostos. No emaranhado urbano, identidades se formam e se diluem obedecendo a mesma velocidade atordoante com que se dissolvem suas fronteiras.

A cidade, no singular, só se deixa abarcar por uma descrição quando consideramos apenas o modelo esterelizante da representação identitária hegemônica. Os representantes "oficiais" da cidade, através de seus mecanismos de elaboração e reelaboração simbólica, procuram impor a urbe uma imagem ordenada, por meio de uma identidade estanque.

Marechal Cândido Rondon, situada no oeste paranaense, é uma cidade consideravelmente pequena, inscrita dentro dos limites do território do Brasil. Um país que ressalta, em versos e prosas, a miscigenação característica de seu povo. Porém, contraditoriamente, desde o processo de colonização Rondon foi pensada para ser uma colônia de alemães. Em Rondon, o processo oficial de produção e reprodução da cidade chega a constituir-se em uma verdadeira violência simbólica.

Os sujeitos excluídos da "produção oficial" da cidade, mesmo submersos em áreas de sombras do modelo urbano hegemônico, procuram produzir outras estratégias de sociabilidade que põem em cheque a pretendida estabilidade da sociedade homogênea e ordenada. A cidade "germânica" é, na verdade, a cidade de vários tipos urbanos que circulam com diferentes interesses de convivência e de participação social. Neste movimento, inscrevem-se também os sujeitos adictos rondonenses.

Para compreendermos a elaboração desta cidade simbólica torna-se, no entanto, de fundamental importância, compreendermos igualmente, as maneiras pelas quais se desenvolveu o processo de colonização. As principais justificativas, tanto para a elaboração de um discurso de germanidade, quanto para a construção de uma "cidade germânica", partem justamente do processo de colonização, destacando-se, sobretudo, a atuação da MARIPÁ enquanto empresa colonizadora.

1.1. O processo de colonização e a MARIPÁ.

A região Oeste do Paraná sofreu sucessivas ondas migratórias. A primeira, e mais expansiva delas, ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, sob o influxo da ocupação empreendida pela Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ. Antes da colonizadora, porém, convém lembrar que a ocupação da região como fronteira brasileira é datada do início do século XX, por meio de empresas estrangeiras que utilizavam os portos de navegação às margens do rio Paraná. Até esse período o território geográfico que contemplava o oeste paranaense era de domínio espanhol, marcado sobretudo pelo extrativismo de domínio estrangeiro, praticado pela Companhia de Madeiras Del Alto Paraná.

Conforme Maccari,[19] trata-se de uma empresa inglesa com sede em Buenos Aires, que adquiriu a área de terras denominada Fazenda Britânia , com aproximadamente duzentos e setenta e cinco mil hectares, que atualmente corresponde aos municípios de Marechal Cândido Rondon, Entre Rios do Oeste, Quatro Pontes, Nova Santa Rosa, Toledo e parte de Palotina.

Outras considerações relevantes, no período que antecede a colonização, tratam da passagem da Coluna Prestes pela região, por volta da década de 1920. Na historiografia regional, a atuação dos revolucionários da Coluna é abordada como uma das causas da desintegração da estrutura social e produtiva da obrage. Acerca deste evento, a nomeação por Arthur Bernardes do general Cândido Mariano da Silva Rondon, como comandante das tropas legalistas que empreenderam a perseguição à Coluna Prestes, solidifica-se na atribuição do nome de General Rondon ao, até então, distrito de Toledo, antes de 1960. Posteriormente, a cidade de Rondon herdou o nome derivado da mudança da patente militar, de General para Marechal Cândido Rondon.

A colonização do Oeste do Paraná, apresenta-se como um tema privilegiado da produção acadêmica local e regional. Existe um número bastante expressivo de trabalhos que se debruçam sobre o estudo da colonização. Destes, merece destaque o estudo de Claércio Ivan Schneider (Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira - oeste do Paraná, 1946-1960). Schneider atenta para o que denominou "produção de consensos", desta maneira contribui com uma crítica de grande relevância para se pensar a problemática da colonização da referida região. Igualmente evidencia-se a dissertação de Neiva Salete Maccari (Migração e

[19] MACCARI, Neiva Salete. *Migração e memórias:* a colonização do oeste paranaense. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 1999, p.30.

memórias: a colonização do oeste paranaense) e a tese de Valdir Gregory (Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970), por expressarem com maior evidência uma preocupação com a constituição do "espaço colonial" a partir do planejamento perpetrado pela MARIPÁ.

De forma consensual, estes estudos sobre a ocupação da região, privilegiam a atuação da MARIPÁ como empresa responsável pela organização, planejamento e execução do projeto de colonização. Os estudiosos acentuam sobremaneira a força hegemônica da empresa colonizadora, tanto no que se refere aos meandros do processo de ocupação, quanto na definição dos traços atuais das comunidades regionais. Para Maccari, "não é possível falar da colonização de Marechal Cândido Rondon sem mencionar a empresa colonizadora, o mesmo pode ser dito quando abordamos a empresa colonizadora, ou seja, não é possível deixar de mencionar a pessoa de Willy Barth." [20]

Conforme esta perspectiva, que focaliza sua atenção no papel desempenhado pela MARIPÁ, o ponto inicial da ocupação planejada e executada por empresa privada, estaria demarcado pelo ato de compra da Fazenda Britânia, no ano de 1946, pela colonizadora. Outro ponto relevante, é a igualmente sobrevalorização do Estado e dos governos como os sujeitos históricos protagonistas da ocupação do oeste paranaense. Para estes, importava a nacionalização da fronteira brasileira defendida durante o Estado Novo, através da Marcha para Oeste e da posterior ocupação do território através da colonização. Desta maneira, o território antes em mãos estrangeiras, passaria a fazer parte do território nacional de forma mais efetiva, por meio da ocupação do espaço através da colonização.

Por este viés interpretativo, o projeto de colonização da MARIPÁ se apresenta em relação de conformidade com os projetos mais amplos dos governos federal e estadual. O projeto nacional de colonização para a fronteira ancorava-se na predominância do minifundio familiar, ou seja, um espaço projetado e estabelecido a partir da estruturação da pequena propriedade da terra, preenchida por migrantes e descendentes de origem européia. Na expressão de Gregory, "uma colonização empreendida pelas iniciativas de governos e de empresas colonizadoras, organizadas no sentido de implantar a pequena propriedade, buscando estabelecer colônias habitadas por colonos euro-brasileiros."[21]

---

[20] Idem, p.66.

[21] GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial*: a dinâmica da colonização do oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Niterói, UFF, Tese (Doutorado em História), 1997, p.325.

Conforme Gregory, este modelo de colonização tornou-se efetivo graças a experiência da MARIPÁ e ao intervencionismo do estado. A empresa colonizadora já possuía experiência com a implantação de colônias de imigrantes, nos mesmos moldes das colônias implantadas no século XIX, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Este se tornou o modelo ideal de colonização, nas prerrogativas do estado, para o oeste paranaense. Desta maneira, para o autor, o estado estabeleceu políticas efetivas de ocupação do território, de forma particular na definição do perfil de sua população, influindo na seleção dos colonos atraídos para habitar o espaço designado.

Assim, a colonização do Oeste do Paraná não se dá de forma espontânea, mas ocorre sobre o controle institucional. O próprio plano de ação da MARIPÁ evidencia com clareza tais prerrogativas. Entre as regras adotadas pelo plano da colonizadora estavam aquelas que definiam a "escolha de certos elementos humanos para povoar a região até então denominada Fazenda Britânia e a divisão das terras em pequenas propriedades com a finalidade de tornar proprietário todo o agricultor que viesse para a Fazenda Britânia."[22]

Desta maneira, a atividade desenvolvida pela empresa privada de colonização tinha o seu respaldo nos órgãos oficiais de governo que, por sua vez, enxergavam em tudo isso uma oportunidade de povoamento das fronteiras, de modo a favorecer uma colonização dirigida da futura Marechal Cândido Rondon, ou seja, "uma colonização voltada para um agrupamento de colonos segundo a religião e mesmo segundo uma certa procedência étnica, no caso a germânica." [23]

Segundo Wachowicz[24], no decorrer dos primeiros anos de atividade da MARIPÁ os colonos que chegavam, em sua grande maioria, eram católicos, tanto de origem alemã quanto de origem italiana, provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Porém, com a ascensão de um grupo de alemães à chefia da colonizadora, liderada por Willy Barth, o contingente de origem alemã luterana foi se tornando superior. Para o autor, a política desenvolvida por Willy Barth enquanto líder da MARIPÁ, referente a escolha do elemento humano, possuía na verdade um intuito de homogeneizar culturalmente o lugar. Neste sentido, a colonização do Oeste do Paraná, apresentava-se como uma oportunidade de preservação da

---

[22] SAATKAMP, Venilda. *Desafios, lutas e conquistas, história de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel: Assoeste, 1986, p.42.
[23] WACHOWICZ, Rui Cristóvan. *Obrageros, Mensus e Colonos*: História do Oeste Paranaense. Curitiba: Vicentina, 1987, p.160.
[24] idem. p.179.

cultura e tradição germânica, por meio da aglutinação de pessoas que possuíam uma mesma origem étnica e cultuassem os mesmos valores espirituais. Este ideal, assenta-se numa argumentação em favor da busca pelo convívio pacífico e pelo rápido desenvolvimento das localidades recém colonizadas.

É importante notar, que o projeto de colonização firmou entre os migrantes, no Extremo Oeste do Paraná, a identidade de colonos, possibilitando que estes fossem denominados e reconhecidos pelo seu caráter pioneiro. Conforme Seyferth, o termo colono designa habitantes da zona rural dedicados ao trabalho agrícola, mesmo que esta não seja sua única ocupação. O pequeno proprietário é identificado pela palavra *Kolonist* (colono) e não pelo termo *Bauer* (camponês), demonstrando que "os imigrantes e seus descendentes adotaram, como definidora de sua identidade social, uma categoria classificatória que lhes foi atribuída pela administração colonial".[25] O estado denominava colonos todos os que eram contemplados com terras em áreas destinadas à colonização. Ainda hoje os trabalhadores rurais em Marechal C. Rondon são identificados como colonos, sendo que o sotaque alemão e as vestimentas que costumam utilizar ajudam a reforçar tal identidade.

Deste reconhecimento consensual, que reforça sobremaneira a importância da atuação da MARIPÁ, derivam os discursos que reconhecem e exaltam o "pioneirismo" e a "germanidade" da população rondonense. Contudo, Schneider faz uma ressalva relevante. O autor, afirma que esta importância atribuída à colonizadora, como a grande protagonista de um programa racional de colonização, se deve ao fato "de a retórica construída pela MARIPÁ, em torno de seu empreendimento colonizador, permanecer fortemente disseminada nas cidades onde exerceu sua influência [...] o que torna a empresa objeto de uma crença arraigada."[26] Desta maneira, os documentos divulgados pela MARIPÁ, foram os responsáveis por solidificar certas caracterizações e imagens do oeste paranaense, posteriormente retomadas por publicações acadêmicas que assumem uma postura acrítica e reforçam as elaborações produzidas pela própria empresa colonizadora.

Neste mesmo sentido, Laverdi igualmente tece uma crítica aos estudos existentes sobre a colonização do Oeste do Paraná. Para o autor, na produção historiográfica sobre a

---

[25] SEYFERT, Giralda. *As contradições da liberdade*: análise de representações sobre a identidade camponesa. in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS, nº18, v.7, fevereiro de 1992. p.80.

[26] SCHNEIDER, Claércio Ivan. *Os senhores da terra*: produção de consensos na fronteira (oeste do Paraná, 1946-1960). Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 2001, p.02.

região, a mitificação do passado foi instalada de diversas formas, "ora entrecortando interesses políticos sobre o futuro, ora atribuindo sentidos fluidos aos conflitos vividos no presente."[27] Desta maneira, a tensão existente no espaço da memória social articula lembranças selecionadas e mobilizam verdadeiros projetos de resignificação do passado. Neste movimento, as interpretações do passado colonial recorrem a recordação do "tempo de antes", uma espécie de passado feliz, como pilar de sustentação de suas elaborações.

No entanto, justamente valendo-se da mistificação do passado, sedimenta-se, em torno da cidade de Rondon, o discurso fundador do germanismo rondonense. A firmação simbólica do município se processa por meio de um projeto de germanização, justificado pelo passado colonial que originalmente contribui com os elementos essenciais de tal discurso. Prova disso é a facilidade com que encontramos em matérias jornalísticas, ou até mesmo, em depoimentos que apresentam questões relativas ao município, referências que recorrem ao passado colonial para conferir autenticidade ao simbolismo germânico de Rondon:

> Colonizada essencialmente por imigrantes alemães a partir da década de 50, vindos em sua grande maioria do Rio Grande do Sul, Marechal Cândido Rondon é hoje um reflexo do germânico para toda a região Oeste.[28]
>
> Ou ainda:
>
> **E como é que você encara essa questão da germanização do município?**
> Eu acho que tá muito ligado também a como foi colonizado né. Eu acho que a coisa começou, por já fazer bastante tempo, quando começou a colonização, a coisa ter sido bem, ter tido aquela seleção rígida mesmo. Só os germânicos. [29]

A rigor, o discurso da germanidade sustentado pelo passado colonial comum é produzido e reproduzido, manifestando-se de forma concreta na elaboração simbólica de Rondon. A produção de consensos, neste sentido, não se restringe as interpretações do passado

---

[27] LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas*: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005, p. 43.
[28] ESTILO GERMÂNICO: a marca registrada de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 346, p.35, jul.1998.
[29] TATOO. *Transcrição de entrevistas*/acervo pessoal. Marechal Cândido Rodon, 27 mar. 2006, p.149. Obs: todos os entrevistados vinculados, de uma forma ou de outra, a prática da adicção, serão identificados no decorrer do trabalho por pseudônimos. Esta medida é necessária no sentido de procurar resguardar a integridade física e moral dos entrevistados.

colonial, mas tem implicâncias diretas em ações no presente com o intuito de firmar, alimentar e reafirmar uma identidade comum.

Contudo, a vila de Toledo, precisava tornar-se município para efetivar o domínio, sobre o qual, se construiria as bases do desenvolvimento local. Posteriormente, as elites dirigentes retomam a retórica da colonização. A preocupação evidente, era firmar definitivamente o "referencial diferenciador" que supostamente viria a contribuir para alavancar o desenvolvimento do mais novo município: a criação da identidade germânica.

1.2 Da vila General Rondon a emancipação.

Antes de se tornar município, Marechal Cândido Rondon foi distrito de Toledo, conhecido como vila General Rondon. No entanto, em 1960, o filho de um ex-diretor da Maripá, eleito deputado estadual na condição de presidente da Assembléia Legislativa, elaborou um projeto de lei que objetivou a criação de vários municípios no Oeste do Paraná, entre eles o município de Marechal Cândido Rondon. O projeto do deputado Luis Dalcanalle Filho originou a Lei 4.245 que determinou a emancipação de vários distritos. Esta Lei, coincidentemente ou não, foi sancionada pelo governador Moisés Lupion, no dia 25 de julho de 1960.

Curiosamente, conforme Speck,[30] a data de 25 de julho é o marco do início da imigração alemã para o Brasil no ano de 1824, com a fundação da Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para onde foram direcionados os principais projetos de colonização, principalmente com colonos oriundos dos estados alemães. Desta maneira, a data de 25 de julho, para além de ser apenas a data de emancipação de vários distritos do Oeste do Paraná, é assumida, em Marechal Cândido Rondon, como um importante símbolo que integra a imaginária urbana.

A referida data, através do Decreto nº 083/73,[31] foi transformada em feriado municipal em homenagem à emancipação do município, da mesma forma como ocorreu em

[30] SPECK, Lori Spitzer. *A Cidade e a Praça*: Memória e política em Marechal Cândido Rondon. Niterói: UFF. Dissertação (Mestrado em História), 2002, p 39.
[31] Decreto nº 083/73, de 24 de julho de 1973. *Legislação Municipal*: leis decretos e portarias (arquivos de 1961) p.98.

outros municípios da região Oeste, nos quais, igualmente é feriado para as cidades desmembradas na mesma data. No entanto, em Rondon, a data de 25 de julho possui uma conotação mais acentuada do que nos demais municípios que aniversariam simultaneamente. Desde 1961, pelo Decreto nº 06/61,[32] esta mesma data é consagrada, pela legislação municipal, a comemoração do Dia do Colono, com todas as implicâncias que a conotação deste conceito possui, regionalmente falando.[33] Evidentemente, desta maneira, a data de comemoração de emancipação municipal também acaba por nos remeter a lembrança do processo de colonização, conforme a versão consagrada nas narrativas oficiais, já exposta anteriormente e que é reforçada sobremaneira nos desfiles que inauguram a festa municipal. Os primeiros desfiles que aconteceram, tinham como tema central, justamente a imagem do colono, como veremos mais adiante.

Outra forma de "imortalização" da data citada, foi a inauguração da nova sede da prefeitura no dia 25 de julho de 1979, que recebe justamente o nome de Paço Municipal 25 de julho. Posteriormente, o marco é reforçado nomeando praça, escola e até mesmo um centro de escotismo.

Criado então o município, o governador Moisés Lupion tratou da instalação oficial de Rondon, ocasião em que nomeou Ari Branco da Rosa para o cargo de prefeito interino[34]. Rosa era o atual delegado de polícia de Marechal C. Rondon, transferido de Toledo desde 1955. A administração de Rosa não chegou ao fim. Questões relativas a política estadual o impediram de concluir seu mandato.

Em 1961, assumiu o governador eleito Ney Braga que decretou, como uma de suas primeiras realizações políticas, a exoneração dos prefeitos nomeados pelo governo anterior e a determinação de submissão dos municípios desmembrados à administração dos municípios dos quais faziam parte antes do desmembramento.[35] Desta maneira, de janeiro a dezembro de 1961, o município de Rondon voltou a ser oficialmente dirigido pela administração política de Toledo, até a realização do primeiro processo eleitoral local.

Em outubro de 1961, ocorreu a primeira eleição em Marechal C. Rondon. Arlindo Lamb, antigo morador da vila General Rondon e ex-vereador presidente do legislativo de

---

[32] Decreto nº 06/61, de 28 de dezembro de 1961. *Legislação Municipal*: leis decretos e portarias (arquivos de 1961) p.107.
[33] Sobre a conotação que o conceito de "colono" assume na região, ver p. 05.
[34] Decreto nº 31.337/60 de 5 de agosto de 1960 – Estado do Paraná, gestão Moisés Lupion.
[35] Lei Estadual nº 4.338/61 de 25 de janeiro de 1961 – Estado do Paraná, gestão Ney Braga.

Toledo (gestão 1957/1958), venceu as eleições com uma certa facilidade. Apoiado por Willy Barth, alcançou 2400 votos contra apenas 700 votos de seu adversário. Por ocasião da vitória, Barth doou para o município as antigas instalações, nas quais, se localizava o escritório da MARIPÁ e que foram utilizadas, naquele momento, para a implantação da prefeitura municipal. Lamb permaneceu como chefe do executivo municipal até dezembro de 1965.

Contudo, as marcas mais evidentes da construção simbólica de Marechal Cândido Rondon, visando a afirmação da identidade germânica, se iniciam no decorrer do mandato de Ilmar Priesnitz (1985-1989), com a elaboração do projeto de germanização e a realização da primeira *Oktoberfest*, como veremos logo adiante.

1.3 A afirmação simbólica do município.

Basta circular pelas ruas de Marechal C. Rondon com um olhar mais atento, ou talvez não tão atento assim, para perceber que a cidade é extremamente simbólica. Um simbolismo que retoma a narrativa da colonização e do pioneirismo para firmar definitivamente, em pilastras de concreto e monumentos cimentados, a pretendida germanidade. No entanto, os símbolos externos que possuem também a intenção de subjetivar imagens e arraigar crenças não conseguem exorcizar a diversidade social característica de sua população.

A respeito da afirmação simbólica do município, não é possível estabelecer um único momento histórico para caracterizá-la. É um movimento iniciado pelas determinações da colonização oficial da região que, por sua vez, foi retomado e reforçado pelo poder público em momentos distintos da história de Rondon.

É possível, tomar como primeiro indicio desta construção simbólica, a data de 25 de julho. Esta data, como vimos anteriormente, foi primeiramente instituída em 1961 para comemorar o dia do colono, e posteriormente reafirmada em 1973 como o dia de comemoração da emancipação municipal.

A rigor, a instalação oficial do município se deu em 2 de dezembro de 1960, com a cerimônia de posse do primeiro prefeito eleito, Arlindo Alberto Lamb. Este evento, porém, não alcançou notoriedade e permanece desconhecido da maior parte da população local.

A partir de 1973, 25 de julho, como marco da emancipação municipal, passou a ser igualmente a data oficial de comemoração do aniversário municipal. Assim, a memória do processo oficial de colonização é evocada justamente na data em que o município aniversaria, como meio de relembrar a "matriz originária" da cidade constituída, conforme este discurso, principalmente por descendentes de alemães.

Da mesma forma, a festa de aniversário do município, em boa medida, organiza-se em função da afirmação do simbolismo germânico em Rondon. A festa é bastante difundida na região, conhecida também como *festa nacional do boi no rolete*. A cada ano, diversas firmas do município se comprometem em assar um boi inteiro, em número correspondente a idade do município.

Ao propagar a realização do evento festivo, por ocasião do aniversário municipal, o poder público ostenta em folders e propagandas jornalísticas, o título de "cidade mais germânica do Paraná".

Este integrante não possui "pele clara" e nem "olhos azuis". Em Rondon mais do que a aparência física a postura que se assume frente a prática hegemônica cultural é definidora das relações de pertencimento/ segregação. Questão abordada no item 1.6 do presente capítulo.

Os trajes típicos da cultura alemã e a escolha do portal municipal como pano de fundo, denunciam a intencionalidade da fotografia de reforçar a identidade germânica por ocasião do aniversário municipal.

Fig. 01 – Foto utilizada em uma das divulgações da festa municipal. Integrantes do grupo folclórico local, tipicamente trajados, pousam em frente ao portal municipal – Fonte: Foto originalmente publicada no Jornal O Paraná, edição especial de 14 de maio de 2006 p. 31.

Também o desfile que acontece no decorrer do evento serve para reforçar a idéia de população tipicamente germânica. O desfile possui uma intenção pedagógica de mostrar o que a cidade representa, sendo bastante comum encontrar elementos da cultura alemã tanto como pessoas vestidas com trajes alemães.

Em 1999, o jornal *O Presente* reforçou o título de "cidade mais germânica do Paraná". A matéria, começa por afirmar, que as marcas deixadas pelo processo de

germanização rondonense, têm "enchido os olhos dos visitantes" que passam pela cidade. Segundo esta reportagem, os responsáveis pelo projeto de germanização são profissionais capacitados e preocupados com o futuro do município. "Graças a criatividade deles, Marechal Cândido Rondon pode dizer, de boca cheia, que é a cidade mais germânica do Paraná."[36]

A reportagem informa que tal título foi criado no mesmo instante da elaboração do projeto oficial de germanização de Rondon, conforme argumentos do próprio prefeito da época, já que "os objetivos da implantação da lei (de germanização), que foi simultânea à criação da Oktoberfest, era de dar personalidade a cidade, intitulando-a de 'a cidade mais germânica do Paraná' e atrair turistas."[37]

A rigor, o projeto oficial de germanização de Rondon partiu da Câmara Júnior[38] e foi encampada pelo poder público local. Vitor Giacobbo, na época senador da Câmara Junior, lembra que a inspiração do projeto foi buscada na cidade de Blumenau SC., onde já havia sido implementado um projeto semelhante. Em 1987, no decorrer da gestão do prefeito Ilmar Priesnitz, o projeto de lei foi criado e regulamentado[39], pelo executivo municipal. Trata-se de um projeto de isenção fiscal. Durante um período de dez anos, os proprietários que viessem a construir seus imóveis, tanto residenciais quanto comerciais, em estilo germânico (Enxaimel ou Casa dos Alpes), seriam isentos de impostos.

Como resultado direto do projeto de germanização, hoje se observa, principalmente na região central de Marechal C. Rondon, fachadas de empresas, edifícios públicos e casas particulares, construídas no estilo germânico, visando os benefícios do incentivo fiscal proposto pelo projeto de isenção:

---

[36] A CIDADE mais germânica do Paraná. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 404, p.48, set.1999.
[37] idem.
[38] A Câmara Júnior de Marechal Cândido Rondon – Pr., também chamada de AHK Junior, é uma associação sem fins lucrativos, ligada à Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha. Tem o intuito de reunir jovens empreendedores, entre 18 e 40 anos, para estimular o espírito de liderança, o crescimento pessoal e profissional de seus associados, bem como fomentar a melhoria da comunidade local. Por meio de eventos sociais, palestras, cursos de capacitação e grupos de trabalho, os associados da AHK Junior têm a oportunidade de fazer contatos, trocar experiências e idéias com outros membros, adquirindo novos conhecimentos e desenvolvendo suas habilidades como futuros líderes.
[39] Decreto 090/1987, de 22 de junho de 1987. Gestão de Ilmar Priesnitz. Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon.

Conforme a arquiteta Margarete Rheinheimer, projetista do portal municipal, a estilização germânica em Rondon se dá por meio de construções de prédios modernos com suas fachadas ornamentadas em estilo germânico. O estilo arquitetônico, dito enxaimel ou fachwerk, foi trazido pelos alemães e deriva de um estilo europeu desenvolvido no norte da Europa, entre os séculos XVI e XVIII, principalmente na Alemanha. Na época da imigração, já estava em desuso na Europa. A técnica do fachwerk é bastante simples. Consiste em construir as bases da casa com grandes toras de madeira que são todas encaixadas. Depois, preenche-se os espaços vazios com tijolos à vista ou estuque, uma mistura de barro, areia e folhas de

Fig. 02 – Foto montagem , representando algumas construções adaptadas ao estilo germânico, atualmente presentes na região central do município de Marechal Cândido Rondon. Fonte: arquivo pessoal, 2007.

Em Rondon o que nos remete ao estilo enxaimel são os telhados e as ornamentações externas, como floreiras e madeiras enviazadas. Os telhados pontiagudos originalmente se desenvolveram por uma questão prática, evitar o acumulo de neve.

Em 1995, este mesmo projeto foi alvo de crítica de um advogado local. Moacir J. Colombo, protestando contra os altos valores cobrados pelo IPTU, afirma ser inconstitucional a isenção fiscal para construções em estilo germânico:

> Desde já se deve advertir que esta lei municipal é inteiramente inconstitucional, pois causa discriminação e gera precedentes para aquele que não constrói no estilo germânico de não pagar, igualmente, no que tem toda a razão de não pagar, senão, teremos que aprovar leis municipais que isentem o estilo italiano, africano, asiático, etc. Só por causa que tem uma cobertura diferente, fica isento? Isto é ridículo. Suponhamos que toda a cidade resolva construir em estilo germânico ao mesmo tempo e se isente de pagar imposto, de onde virão as receitas? [40]

Para além da contestação do caráter legal da lei de isenção fiscal é importante atentar para o fato de que a argumentação de Colombo remete-se a um questionamento da ordem instituída, que visa privilegiar uma única cultura em detrimento das outras. Este sentimento de discriminação, como pretende Colombo, é compartilhado em outros momentos por grande parte dos sujeitos entrevistados, influindo diretamente no entendimento de pertencimento/exclusão que estes possuem em relação a própria cidade, como veremos mais adiante.

[40] IPTU – imposto para todos com usura. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 170, p.17, mar.1995.

Ainda em 1987, a administração Priesnitz criou, com a mesma intenção de reforçar a tradição alemã, a *Oktoberfest*, inspirando-se na festa que igualmente já acontecia em Blumenau, SC. A *Oktoberfest* tornou-se o maior símbolo germânico da cidade de Marechal C. Rondon, como veremos logo adiante.

Após os feitos da administração Priesnitz, a favor da germanização, em 1991, no decorrer da administração Dieter Seyboth (1989-1992), as lideranças municipais já planejavam a construção de um grande centro de eventos no estilo germânico, conforme noticiou uma reportagem do jornal *O Presente*:

> O prefeito de Marechal Rondon Dieter Seyboth, reuniu no último dia 14 de novembro, diversos membros da comunidade rondonense, principalmente pessoas envolvidas com o comércio e indústria desta cidade, para a apresentação e discussão de um pavilhão de eventos em Marechal Rondon. Numa área construída, em torno de 6200 m2, este pavilhão servirá (caso seja construído) para a realização de exposição de indústria e comércio na festa do município e também para a Oktoberfest. [41]

Naquele momento, não existia ainda um projeto formalizado para a construção do centro de eventos, era apenas uma reunião convocada pelo prefeito, com algumas lideranças municipais, com o intuito de discutir a viabilidade da idéia. No entanto, os detalhes internos, assim como a estética externa da construção, já estavam definidos. Como o portal da cidade ainda não existia, considerava-se o centro de eventos como o futuro cartão postal do município, pois a parte externa do pavilhão deveria ser "toda no estilo *enxaimel*, onde cada uma de suas fachadas representaria uma região da Alemanha."

O prefeito Seyboth, não conseguiu implementar o projeto. Somente duas gestões posteriores é que o projeto de construção do centro de eventos foi oficialmente lançado. Contudo, no que se refere a edificações públicas com o intuito de reforçar a construção de uma identidade germânica para Marechal Cândido Rondon, o projeto *Rondon 2000* se destaca. Trata-se de um projeto elaborado e implementado durante a administração Ademir Bier (1993-1996), justificado principalmente pela modernização e qualidade de vida que viria a promover no município: "assumindo a **identidade** do seu povo, Marechal Cândido Rondon precisa

[41] PAVILHÃO de eventos: um sonho do rondonense. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 08, p.14, nov.1991.

iniciar imediatamente um conjunto de ações visando a melhoria da qualidade de vida de sua gente." [42]

Mais uma vez, no trabalho de reforço identitário, a arquitetura posta ao serviço da concretude das "marcas germânicas". Cada um dos estilos arquitetonicos destas faxadas procuram remeter-se a uma região da Alemanha.

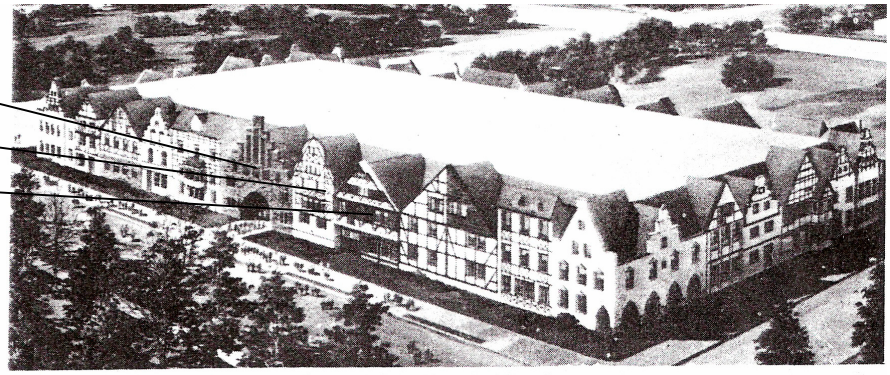

Fig. 03 – Maquete do projeto de construção do pavilhão de eventos. Fonte: imagem originalmente publicada no Jornal O Presente, nº 08, 22 de novembro de 1991, p.14.

Tal projeto prevê várias obras no recinto da cidade, dentre elas, as que possuem a maior conotação de germanidade são: a construção do calçadão, do centro de eventos, do centro esportivo, do estádio municipal, da casa da cultura e a remodelação da praça central Willy Barth. Todas estas obras, de uma maneira ou de outra, foram apresentadas no projeto com a preocupação de salvaguarda da identidade germânica:

> A Prefeitura rondonense possui um projeto para a construção de um centro de eventos, contemplando a arquitetura de cidades alemãs. Trata-se de um projeto de grande impacto visual, representando o direcionamento que se pretende dar à arquitetura rondonense [...] Além da estética, que deverá observar o estilo germânico, o calçadão resultará numa revitalização do centro da cidade. [...] A ausência de promoções e acontecimentos maiores na área da Cultura em Marechal Cândido Rondon deve-se, certamente, à falta de um local adequado. Em anexo ao Parque Ecológico (Rieger) há um grande barracão que, reformado, remodelado e adaptado virá a suprir as necessidades (sua remodelação observará o estilo enxaimel).[43]

Nem todas as obras, previstas pelo projeto *Rondon 2000,* foram executadas e algumas não previstas, contudo, foram realizadas. Das obras não previstas, destaca-se o Fórum, inaugurado logo no primeiro ano da gestão de Bier e o portal municipal, ambos em estilo germânico.

[42] Projeto Rondon 2000. Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, out. 1993, p.01.
[43] idem, pp. 04 – 06.

Fig. 04 – Foto montagem. Vista parcial do Fórum e do Portal municipal, respectivamente. Ambas as construções adaptadas ao estilo germânico. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

As obras realizadas no decorrer da administração Bier ganharam grande notoriedade na imprensa local. O calçadão e o portal municipal, juntamente com outras obras públicas, foram inaugurados em datas estratégicas, por ocasião da festa de comemoração do trigésimo sexto ano do município, conforme noticiou o jornal *O Presente*:

> Marechal Rondon está em ritmo de festa e comemorações. Junto com os festejos do 36º aniversário, o poder executivo está entregando série de obras [...] O calçadão em trechos das ruas 7 de Setembro e Santa Catarina, que trouxe um visual de modernidade ao centro da cidade, é uma das obras que a administração municipal entregou à população rondonense quando o município festeja 36 anos de emancipação político-administrativa [...] Para hoje, 26, sexta-feira, está prevista a inauguração do portal da cidade, junto ao trevo, no início da Avenida Rio Grande do Sul. A inauguração está programada para as 18h00, com apresentações culturais.[44]

Sobre esta questão, é importante observar a produção de uma narratividade de consenso por parte da administração municipal, que visa sedimentar a construção germânica, daquele momento, em sintonia com outros símbolos de representação da germanidade local já implementados, como é o caso da própria festa de comemoração do aniversário de Rondon.

A construção do portal municipal, embora não estivesse contemplada pelo projeto Rondon 2000, igualmente foi uma realização da administração Ademier Bier, visando a

[44] ADMINISTRAÇÃO entrega obras na festa dos 36 anos de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 242 , p.09, jul. 1996.

modernização e fortalecimento da imagem de comunidade germânica, atribuída a Marechal C. Rondon.

Para a implementação da obra, foi realizado um concurso visando a escolha do melhor projeto. A vencedora foi a arquiteta Margarete Rheinheimer, que recebeu como prêmio a quantia de dois mil reais. Seu projeto foi eleito entre dez e conforme a análise de Renato Kaefer, na época assessor especial de habitação e urbanismo e presidente da comissão julgadora, o projeto eleito "retrata melhor o estilo germânico, tradicional de Marechal Rondon, expressando o espírito da alegria e a hospitalidade do povo rondonense". [45]

A mesma edição do jornal *O Presente*, que veiculou as notícias sobre a inauguração das primeiras obras, referentes ao projeto *Rondon 2000*, já fazia o prenúncio de novas inaugurações quando anuncia que "uma das obras de maior vulto deste governo deverá ser inaugurada no final do ano: o estádio municipal, que garantirá o espaço que faltava ao setor esportivo de Marechal Rondon." [46] A construção do estádio Valdir Schneider foi noticiada como o "expoente máximo" das realizações da gestão Ademir Bier. Foi a última obra inaugurada por Bier, em dezembro de 1996, visando igualmente o reforço da construção da identidade germânica para o município de Marechal Cândido Rondon. Sobre este quesito *O Presente* afirma que:

> Dentro do processo de germanização da cidade, assim como aconteceu com o portal de Marechal Rondon, com o centro de eventos e com o centro cultural, o estádio também terá acabamento estilo enxaimel (germânico), destacando ainda mais Marechal Rondon como um dos pólos da cultura alemã do Paraná.. [47]

Desta maneira, tanto a entrada do estádio municipal quanto a cobertura da arquibancada, foram edificadas em estilo germânico. O portal, por sua vez, tornou-se o ícone oficial de representação do município. Apenas um mês após sua inauguração o jornal *O Presente* já o anunciava como "o cartão postal de Marechal Rondon. Uma marca que a atual administração deixa, principalmente, visando a divulgação do município. Expressando as tradições do povo rondonense."[48] De fato, posteriormente a imagem do portal foi estampada

---

[45] ESCOLHIDO projeto do portal da cidade de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 152, p.22, out. 1994.
[46] PREFEITURA entrega obras em Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 243, p.29, ago. 1996.
[47] ESTÁDIO Valdir Schneider entra na fase final. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 260, p.21, nov. 1996.
[48] PREFEITURA, op cit.

nos boletos da Loteria Federal com o intuito de divulgar Marechal Rondon para todo o país. Em 2000, igualmente ilustrou a capa do Guia Telefônico do Oeste do Paraná, reforçando a divulgação da cidade regionalmente.

Fig. 05 – Foto montagem. Vista parcial do *hall* de entrada do Estádio Municipal Valdir Schneider e do Parque de Exposições Alvaro Dias, respectivamente. Estas construções fazem parte de um mesmo complexo, aonde se encontra também o novo centro de eventos. Todas as edificações adaptadas ao estilo germânico. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

A arquiteta Rheinheimer, a responsável pelo projeto do portal, em 1999 fez parte da comissão de avaliação dos projetos que recebem isenção do IPTU, por serem construídos em estilo germânico. Para a arquiteta, "a estilização germânica causa um surpreendente efeito de criatividade e simpatia à obra, além de diferenciar urbanisticamente nossa cidade das outras".[49] Rheinheimer afirma, que em 1999 o estilo germânico já esta solidificado na região, principalmente no município rondonense e comemora o sucesso do empreendimento: "Adaptamos a característica alemã à nossa região e deu certo. A situação mudou. Existem muitas construções neste modelo, pois é mais adequado e não representa um custo muito elevado". [50]

Desta maneira, fica evidente a postura intencional, de firmar definitivamente o rótulo de germanidade através da implementação do projeto *Rondon 2000*. A intervenção, político/administrativa, foi conduzida no sentido de direcionar o estilo mais apropriado de edificações no espaço urbano, neste caso em específico, valorizando sobremaneira o estilo germânico, implantado em primeira instância pela lei de isenção fiscal do prefeito Priesnitz.

[49] A CIDADE mais Germânica do Paraná. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 404, p.48, set. 1999.
[50] ESTILO GERMÂNICO: a marca registrada de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 346, p.35, jul. 1998.

O prefeito Ariston Limberger (1997-2000), embora sendo do mesmo grupo político de Ademir Bier, não deu continuidade ao projeto *Rondon 2000*. Contudo, tomou várias medidas objetivando a preservação da memória do "município germanizado". Foi o responsável pela criação de um arquivo contendo fotos, recortes de jornais com a divulgação de eventos municipais e cópias de anúncios da imprensa. O setor de arquivamento também foi o responsável pela criação de um banco de dados sobre os "pioneiros" (pessoas que vieram para Rondon entre 1950 e 1960).

A maior evidência da intenção de preservação da "memória germânica", no decorrer da administração de Limberger, foi a construção de um "Memorial Histórico", contendo a "Galeria dos Ex-Prefeitos" (Limberger e todos os prefeitos anteriores são representados em forma de bustos) e de uma "Cápsula do Tempo", situado justamente ao lado da praça Willy Barth, entre o fórum e a prefeitura municipal.

Fig. 06 – Memorial Histórico e Galeria dos Ex-Prefeitos. Edificações situadas entre o Fórum e a Prefeitura. São todas, construções que dividem o espaço com a praça central Willy Barth. Assim como o Fórum, o Memorial Histórico foi adaptado ao estilo germânico. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

A "Cápsula do Tempo" é abrigada por uma construção no estilo "Casa dos Alpes". Trata-se de cem cápsulas de aço com o objetivo de guardar mensagens, fotos ou lembranças de "cidadãos rondonenses" que vieram a demonstrar interesse. No entanto, "dando-se prioridade para os **pioneiros** e **desbravadores** de Marechal Cândido Rondon." [51] Todas as cápsulas foram lacradas no dia 25 de julho, no decorrer da programação do 40º aniversário do municipio. As tampas das cápsulas contêm os nomes dos "pioneiros" contemplados. A

[51] Lei nº 3.253, de 25 de maio de 2000. regulamentada pelo decreto 032/00 de 06 de junho de 2000.

intenção do projeto é entrega-las aos parentes mais próximos para serem solenemente abertas em 2.060, por ocasião da comemoração do centenário municipal.

No entanto, não é de se esperar que a administração municipal posterior venha a cumprir as determinações do projeto. Prova disso, é que o atual prefeito Edson Wasen, sucessor e opositor de Limberger eleito em 2000, cumpre atualmente o seu segundo mandato e ainda não determinou a fixação do busto do prefeito anterior conforme as normas do projeto. Além do mais, não há naturalmente uma preocupação efetiva com a preservação dos feitos do prefeito anterior, permanecendo a obra a mercê da depredação.

O prefeito Limberger também foi o responsável por retomar e lançar oficialmente o projeto de construção do centro de eventos. O jornal *O Presente* noticiou, em 1999, a cerimônia de lançamento do projeto, como "um resgate das raízes alemãs do município"[52], visto que, tal projeto ainda mantinha a intenção de construir trinta fachadas externas representando regiões da Alemanha, preservando-se a idéia original. Conforme a reportagem, o lançamento só foi possível graças o intermédio do deputado Dirceu Sperafico, que repassou ao prefeito Limberger um cheque de setecentos e setenta e cinco mil reais a fundo perdido do governo federal. Com estes recursos deu-se início a primeira etapa do projeto estimado em dois milhões e quatrocentos mil reais, com um total de seis mil e quatrocentos metros quadrados de área construída.

Contudo, o projeto de construção do centro de eventos só foi concluído na gestão posterior, de oposição a administração de Limberger. A placa de inauguração da obra, de certa forma, estampa os conflitos da arena política do período: "centro de eventos Werner Wanderer, construídos com recursos da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) inaugurado em 23/10/2003, gestão 2001-2004." Desta maneira, o projeto concluído é nomeado em homenagem a um deputado que representa um dos principais ícones de oposição à administração de Limberger e as informações sobres os recursos para a realização do projeto omitem o repasse efetuado pelo deputado da situação, Dilceu Sperafico.

[52] RAÍZES Alemãs. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 416, p.34, nov. 1999.

O novo centro de eventos, local no qual se realiza a festa do município e a *Oktoberfest,* e o monumento em homenagem ao simpático avô alemão: imagens de uma Alemanha idealizada.

Fig. 07 – Foto montagem. Vista parcial da construção do novo centro de eventos. Assim como o projeto original, cada uma de suas fachadas representam uma região da Alemanha. Ao lado direito do *hall* de entrada, situa-se um monumento em homenagem ao *Opafass*. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

Embora a administração de Wasen não dispense maiores atenções à "Galeria dos Ex-prefeitos" e a "Cápsula do Tempo", não perde a oportunidade de reforçar a memória da colonização e, conseqüentemente, da construção do próprio discurso de germanidade. Assim, em 2002, entre a prefeitura e a praça Willy Barth, é fixada uma estátua de bronze de 3 metros de altura em homenagem ao "Ilustre militar e sertanista" Marechal Mariano da Silva Rondon:

O monumento em homenagem ao Marechal Rondon foi fixado num lugar estratégico. Junto com os ícones internos da praça central, ajuda a compor um cenário no qual a lembraça da dimensão do trabalho se faz presente mesmo no espaço reservado ao lazer. Questão abordada no Capítulo III.

Fig. 08 – Foto do monumento de Marechal Rondon, em bronze. Situado entre a prefeitura e a praça central Willy Barth. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

De outra forma, o movimento de reafirmação da memória da colonização, do pioneirismo e da germanidade, continuam sendo alimentados a cada novo desfile, a cada nova festa a cada novo evento, ou seja, a cada novo fato que recobre a dinâmica legitimadora de um passado heróico, que aponte para um futuro cada vez mais promissor.

É um movimento sempre novo, mas que reafirma continuamente o mesmo. Inventam e reinventam, valendo-se sempre do mesmo passado histórico como meio de legitimar as ações e promover coesão social. Paralelamente, desenvolve-se um discurso de modernização que se apresenta em nome do benefício da maioria, porém, na prática esconde interesses pontuais de manutenção e/ou reafirmação do poder.

A construção da "moderna cidade germânica", que visa a edificação de um centro ideal, bonito, moderno, agradável, limpo, acaba por recusar tudo o que ameaça ou polui tal estética. É em função desta dinâmica que a *Oktoberfest*, enquanto o maior ícone de representação da identidade germânica local, renova-se a cada ano, contudo, não tarda em tornar-se motivo de preocupação daqueles que defendem a manutenção da ordem social posta.

1.5 *Oktoberfest* – a mais simpática do Brasil.

A *Oktoberfest*, sem sombra de dúvidas, é a maior representação da simbologia germânica de Marechal Cândido Rondon. A festa, que se pretende a mais simpática do Brasil (título igualmente criado pelo poder público e divulgado com o intuito de propagandear o evento), de fato, atingiu grandes proporções, contando com a participação de aproximadamente vinte mil pessoas. O evento é realizado em Rondon desde 1987, criado durante a administração Priesnitz, juntamente com o projeto de germanização trazido de Blumenau – SC., onde a festa ocorre desde 1984.

A Oktoberfest acontece sempre no final do mês de outubro. Em Rondon, o ponto alto do evento se dá no dia 30 de outubro, visto que, o dia 31 é feriado municipal em comemoração ao dia da Reforma Protestante. Desta maneira, o desfecho da festa é mais um elemento que ajuda a reforçar a imaginária germânica local.

Conforme Jeferson Smaniotto, a *Oktoberfest* foi implantada em Rondon a partir de uma comissão derivada da AMPFEST (Associação Municipal de Promoção de Feiras e Festas). Esta associação responsável pela promoção de feiras e festas na cidade foi criada no mesmo ano da instituição da festa de outubro, sendo composta de empresários, funcionários públicos, presidente da associação comercial e industrial, presidente do sindicato rural e presidente do sindicato dos trabalhadores. Para a articulação da *Oktoberfest*, foi montada uma

comissão específica, composta por empresários locais e funcionários públicos. Para Smaniotto, é importante notar como a estruturação da *Oktoberfest* de Rondon se deu toda com base na *Oktoberfest* de Blumenau, "tomada através da visita de membros da AMPFEST em visita àquela cidade."[53]

Fig. 08 – Cartaz de divulgação da *Oktobertest*, tendo ao centro um casal tipicamente trajado e, acima a figura do *Opafass*, uma espécie de Rei Momo local. Fonte: Imagem originalmente publicada no jornal O Presente, nº 254, 18 de outubro de 1996, p. 01.

Originalmente a *Oktoberfest* é realizada na Alemanha, na cidade de Munique, desde o início do século XIX, por ocasião da comemoração do casamento do príncipe da Baviera Ludwig I, com a princesa Therese de Sachen – Hildelburghause. O grande sucesso da festa tornou o mês de outubro um marco para a representação da cultura alemã. Desta maneira, a festa foi reeditada nos anos subseqüentes e trazida ao Brasil pelos imigrantes alemães.

Em Marechal Cândido Rondon, a primeira *Oktoberfest* possuía como principal programação, a realização de bailes, o consumo de chope e o consumo de pratos típicos alemães. Simultaneamente ao desenvolvimento anual da festa ocorreram novas iniciativas por parte da administração municipal, no sentido de sobrevalorizar a "cultura alemã", como por exemplo, a formação de grupos folclóricos, da banda municipal e a criação da Associação dos Idosos, que passou a promover bailes e outras atividades com características germânicas.

[53] SMANIOTTO, Jéferson. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon – 1987-1996*. Trabalho de Conclusão de Curso. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1997. p.10.

Neste sentido, é importante destacar, que de início as danças eram embaladas por marchas com estrutura rítmica abrasileirada. Só posteriormente, é que as marchas típicas do folclore alemão foram introduzidas como ritmo oficial.

Sobre esta questão, José Iurkiv aponta para um novo sentido da festa, atribuído pelos seus participantes. Um sentido, que se difere daquele de festa tipicamente germânica, pretendido pelos seus idealizadores: "o que eles não imaginavam e nem esperavam era a apropriação popular e o redirecionamento dado a ela pelo público, que participa de forma intensa e maciça, esquecendo a germanidade e demonstrando uma brasilidade explícita."[54]

Iurkiv baseia sua argumentação, pela constatação da proximidade existente entre a *Oktoberfest* e as representações carnavalescas. Enquanto os organizadores da "festa alemã" se preocupam em incentivar as bandas para que executem repertório típico, os foliões demonstram grande entusiasmo quando elas tocam marchinhas presentes nos carnavais brasileiros. O autor se refere a *Oktoberfest* enquanto um "Carnaval Rondonense", embora reconheça suas peculiaridades. Em sua comparação, Iurkiv afirma que os trajes típicos funcionam como fantasias de carnaval dos quais as pessoas se valem para se sentirem mais soltas e praticarem atitudes livres do "olho moralizador da sociedade". O autor afirma que sua comparação é atestada pela ampla participação popular e por atitudes de libertinagem que se verificam no decorrer da festa, a exemplo das festas de carnavais brasileiros.

Contudo, já a primeira *Oktoberfest,* tinha como objetivo principal "resgatar e preservar a identidade germânica" como meio de possibilitar a manutenção dos valores culturais dos antigos colonizadores alemães. A partir daí, a intenção dos idealizadores era igualmente se beneficiar financeiramente, com o esperado sucesso da festa, a exemplo do êxito festivo e dos lucros que gerava a experiência já realizada em Blumenau.

Sobre a intencionalidade do poder público, novamente Iurkiv atenta para uma questão relevante. Para o autor a realização de festas oficiais, em pequenos e médios municípios, se dá em função da busca de destaque e visibilidade para as localidades. A *Oktoberfest,* vista sobre este prisma, remete-se a uma preocupação sempre recorrente de transformar a festa em "vitrine", com o objetivo de atrair novos investimentos e capitais, o que naturalmente faria a cidade crescer. Conforme Iurkiv, a festa é um momento de "auto-

[54] IURKIV, José E. Oktoberfest: criação e implicância na construção da identidade cultural rondonense. Trabalho de Conclusão de Curso. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1993. p.43.

destaque" para o município, pois mostrar que existe, livra a cidade pequena da visão pejorativa, de ser lembrada enquanto lugar onde nada acontece.

Fazer da cidade uma vitrine por meio das festas oficiais, envolve toda uma ampla mobilização social. Desta maneira, a propaganda desenvolvida pelo poder público com o intuito de divulgar os eventos, se preocupam em mostrar a prosperidade permanente da localidade, o comércio, por sua vez, é especialmente preparado para a ocasião, as ruas são recuperadas e as avenidas enfeitadas, os hotéis e restaurantes aprimoram seus serviços, tudo com a intenção de impressionar os visitantes.

Assim, argumenta Iurkiv, as festas oficiais cumprem o papel de projeção do município por meio da imagem de um povo organizado e trabalhador. Em Marechal C. Rondon, tal projeção se vale da referida "predominância do elemento étnico alemão" e a *Oktoberfest* se torna "o carro chefe para o município, justamente por conseguir forjar esses elementos de identificação pretendidos pelos organizadores".[55]

Para tanto, a "tradicional festa alemã", contou com a elaboração de diversos atrativos e novos símbolos. Dentre eles as *Pré-Oktoberfest,* como prenuncio da *Oktoberfest* "Oficial". Trata-se de festas semelhantes a Oktoberfest, só que em proporções menores, organizadas em bares, clubes, avenidas e distritos municipais. É a organização de uma espécie de participação de reconhecimento, que atrai atenção e induz a participação no evento "oficial". Outro importante ícone de anuncio da festa, além das *Pré-Oktoberfest,* é a distribuição gratuita de chope pelas ruas da cidade. Com a intenção de celebrar a abertura da festa oficial o *Opafass*,[56] juntamente com a rainha e casais acompanhantes, desfilam pelas ruas da cidade com o *Bierwagem*[57], distribuindo chope gratuitamente, a quem se dispor a se aproximar ou acompanhar o "carro pipa" do avô alemão. O grande consumo de chope é lembrado enquanto uma característica peculiar do evento, já que procura se remeter ao paladar tipicamente alemão. Esta alusão à cultura alemã, é denotada em última instância pelo concurso de Chope em Metro, que acontece no decorrer da *Oktoberfest* oficial. Mais tarde, o consumo excessivo de chope gera polêmica entre lideranças municipais, passando a ser combatido sem,

---

[55] idem. p. 30.

[56] O significado do termo em alemão é "pipa de cerveja do avô". Trata-se de um dos ícones da *Oktoberfest*, juntamente com a rainha e os casais acompanhantes. O *Opafass* representa o avô alemão vestido em trajes típicos, tendo como principais características o espírito festeiro, alegre e sociável. Uma espécie de "Rei Momo" da *Oktoberfest.*

[57] Carroça em estilo colonial puxada por cavalos e carregada de barris de chope, conduzida pelo *Opafass,* acompanhado da rainha e dos casais tradicionais. Todos paramentados com tarjes alemães.

contudo, ferir o aspecto cultural da prática. O abuso é sempre remetido aos "de fora", como veremos mais adiante.

É possível considerar ainda, como uma das atrações da festa, o desfile de carros alegóricos, enfeitados com as cores vermelha e preta, referentes à bandeira alemã. Nestes desfiles, que acontecem no domingo da festa, além da participação das tradicionais "famílias pioneiras", as empresas do município aproveitam para demonstrar seus produtos e serviços.

Ademais, a implantação do Café Colonial, proporcionando o consumo de produtos da colônia alemã, os restaurantes típicos, as apresentações culturais e a contratação de bandas vindas diretamente da Alemanha, terminam por configurar o cenário imagético cultural, sobre o qual, se assenta uma das principais pilastras de sustentação do discurso de germanidade local.

Os trabalhos existentes sobre a *Oktoberfest* rondonense, de uma maneira ou de outra, valendo-se das formulações de Hobsbawm, se orientam pela ótica de uma tradição inventada. Sob esta perspectiva, destaca-se o trabalho de Ilse de Queirós. Para a autora "as tradições inventadas se constituem em reações a situações novas com referência a situações históricas anteriores, tanto quanto, aquelas em que se inventam e criam uma continuidade histórica." [58]

Conforme Queirós, a Oktoberfest de Rondon não pode ser encarada enquanto uma prática original ou autêntica, dado que a cultura é um processo dinâmico de construção e reconstrução. Seria o próprio surgimento de movimentos em defesa da restauração de uma tradição, indicando a descontinuidade histórica, o desuso, ou não adaptação de uma determinada tradição, o meio de atestar as tradições inventadas.

Assim, o movimento de invenção da festa cria elementos novos a partir de elementos pré-existentes, ou seja, um trabalho contínuo de enquadramento de elementos novos e velhos, visando a elaboração de um cenário destacado pela tradição, para que a própria festa, seja assim, vivenciada enquanto tradição. A Oktoberfest, pensada desta maneira, acaba por ritualizar uma construção nova da idéia de germanidade, em Rondon.

---

[58] QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná*: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1999. p.29.

Verifica-se aqui, que a intencionalidade do poder público unido a elite rondonense, aponta para a criação, em Rondon, daquilo que Benedict Anderson[59] denominaria de "comunidade imaginada". Uma Alemanha mítica, estabelecida por meio de um diálogo transnacional. Um referencial imaginativo e figurativo influente, construído em nome da maioria. Referencial este, que gera uma relação de pertencimento/segregação em relação aos sujeitos considerados mais autênticos, menos autênticos ou "de fora".

Desta maneira, atribui-se a Marechal Cândido Rondon uma identidade forjada. O título de município tipicamente germânico que, pelas relações de alteridade, possui implicâncias diretas na vida de seus habitantes, contrasta com a heterogeneidade própria de toda, e qualquer, cidade contemporânea brasileira.

O esforço por caracterizar/homogeneizar o que por definição é complexo, heterogêneo e múltiplo, pode em algumas situações tolerar o diferente. Contudo, tolerar é conceder. Quem concede não se põe em relação de igualdade com o outro. O próprio ato de conceder denuncia uma relação de superioridade, de um sobre o outro.

1.6 A germania e o outro.

> "Porque muitas vezes também a cidade tem me engolido também né, não é que me aceita."
>
> Maninho do Crak, 2006.

Pensar a questão da alteridade em função desta dinâmica de produção do discurso de germanidade, pressupõe pensar exatamente nas implicâncias diretas da imposição, sobre a tessitura do tecido social, de uma identidade forjada. Identidade e alteridade, desta forma, são categorias relacionais, nas quais, o reconhecimento do "eu" ou do "nós" identitários, pressupõe a existência dos "outros".

Um, contudo, não vive sem o outro, pois sua relação é como se fosse um posicionar-se na frente de um espelho, no qual, o sujeito que se contempla tem sempre a si mesmo como referência, ou seja, procuro me enxergar ou definir meus referenciais contemplando o outro. Assim, a alteridade só tem este estatuto porque existe a identidade no plano das construções simbólicas.

[59] ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989. p.15.

As identidades culturais que, conforme Stuart Hall, são "aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais",[60] de fato, definem-se pelas construções simbólicas. Assim, a "cidade germânica" apresenta-se enquanto uma comunidade simbólica de sentido, que opera no âmbito do imaginário. Corresponde a um sistema de representações sociais, construído e legitimado historicamente, e que, se expressa por discursos, imagens e práticas.

É possível pensar a elaboração da cultura germânica em Rondon, como um dispositivo discursivo, que representa a diferença como unidade ou identidade, no qual, as culturas locais são unificadas apenas através de diferentes formas de poder cultural. A integração dos sujeitos numa comunidade ou numa totalidade se dá por meio de uma disciplinarização, que desconsidera o fato de muitos sujeitos serem, no decorrer deste movimento, colocados às margens do social. A priorização da "voz dos autorizados", parafraseando Bourdieu, é o que sobrepõe a predominância da prática cultural hegemônica.

Contudo, o pluralismo desestabiliza a noção de identidade, pois a própria formulação da identidade germânica presume um exercício de poder vertical, que, na prática, não confere com as maneiras pelas quais os diversos sujeitos sociais, participam e recebem determinada identidade. Em torno desta questão, surge um discurso de "desvirtuamento da *Oktoberfest*", em decorrência da reapropriação e reinvenção da festa pelos mais diversos grupos sociais, como veremos no item dois do capítulo a seguir.

De outra maneira, identificar as relações de pertencimento/segregação em função desta dinâmica de identidade/alteridade não constitui uma tarefa fácil. As relações sociais se produzem e se reproduzem nos mais diversos eventos da vida cotidiana. Na maioria das vezes, são ações encobertas pela própria informalidade que lhes é característica. Neste sentido, cabe mais uma vez aqui, destacar a importância do trabalho com a História Oral. As entrevistas permitiram o acesso a experiências narradas pelos próprios protagonistas e possibilitaram a análise de dinâmicas sociais obscurecidas pela memória hegemônica local.

É, sobretudo, através das narrativas, que se evidenciam os desabafos, as memórias de estranhamentos e a diferenciação entre os sujeitos tidos como mais legítimos, menos legítimos ou não legítimos. De uma forma geral, pode-se dizer que em Rondon os sujeitos legitimados, pela reprodução da memória oficial e dos discursos de germanidade, são

[60] HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p 08.

identificados pela sua ascendência européia, sobretudo os descendentes de alemães, seguidos dos descendentes de italianos. Porém, é importante perceber que esta dicotomia básica entre europeus e não-europeus, não dá conta de elucidar a complexidade dos fatores sociais que acabam por determinar os sentimentos de pertencimento ou exclusão.

Desta maneira, não apenas o elemento étnico, mas a escolha das práticas sociais, a maneira de se vestir, de falar, os trejeitos, são características mobilizadoras da indentificação ou do estranhamento em relação ao outro. Em outras palavras, isto significa que um sujeito descendente europeu que decida ser *skatista* em Rondon, pode sentir-se mais excluso do que um descendente caboclo aclimatado, ou seja, a postura que se assume em relação ao padrão de referência identitária, mais do que o próprio elemento étnico, é definidora das relações de estranhamentos ou identificações produzidas nas experiências sociais da vida cotidiana local. Assim, é que vários adictos, mesmo sendo descendentes de europeus, vivenciam situações de estranhamentos no convívio social:

> A gente era diferente, era visto que, com outros olhos por todo mundo né [...] aquele maloqueiro, cabeludo, barbudo, todo mal vestido, então, eu sentia preconceito. Só que ao mesmo tempo a gente já ficava "foda-se também", né cara. A gente já tentava se isolar um pouco, tanto que, era por isso que a gente tinha esse núcleo. Acho que era um, uma forma de se defender assim, de se autodefender. Não no sentido de agressão né, no sentido de "ah! eu te entendo, você me entende, a gente consegue convive melhor" né. Eu acho que nesse aspecto a sociedade tinha um preconceito, mas a gente também tinha um preconceito em relação à sociedade né, principalmente aqui que era muito fechado né.[61]

> Tipo, um dia no mercado assim, sem camisa ou com camisa regata , que as tatuagens ficam a mostra assim, os guardinha no mercado, eles vão na tua cola pra vê se não vai robar nada né cara. O próprio atendimento nos locais né cara. As vezes as pessoas, não digo que tratam mal né cara, mas eles te atendem assim né, te atendem assim, indiferentemente né cara, preferem atender os outros do que atender você [...] pô! já aconteceu de amigo meu ir numa loja, quere ir comprar uma roupa né cara, ele tava com o salário dele do mês inteiro né, queria comprar, só porque ele foi de bermuda e chinelo, na loja, trataram ele com descaso né cara [...] isso acontece bastante aqui em Rondon cara.[62]

[61] TATOO. op. cit. p.148.
[62] CARRIER. *Transcrição de entrevistas*/acervo pessoal. Marechal Cândido Rodon, 19 mar. 2006, p.130.

Desta feita, importa considerar que os sujeitos adictos, pelo próprio estilo de vida que assumem, são portadores de vários elementos que destoam da idealizada "sociedade germânica". A situação de estranhamento é maior em relação aos sujeitos que além de usuários de drogas não possuem descendência européia. Esta situação se evidencia em várias entrevistas. Por exemplo, Negão do Rio ao ser questionado sobre o fato de ter, ou não, vivido situações de discriminação na cidade de Rondon, fica em dúvida sobre qual o tipo de discriminação a que se referia, se sobre o fato de ser adicto ou sobre o fato de ser negro. Em relação ao estranhamento étnico, várias narrativas podem ser identificadas:

> **Você já sofreu algum tipo de preconceito aqui em Rondon?**
> Vários né, até pelo lado assim de eu ser né, moreno pardo, como diz meu registro de nascimento né, aqui em Rondon é embasado, demora até eles pegar confiança num preto. Se você parar para analisar, você pode andar em muitas lojas ai meu, que você não vai ver muito preto trabalhando dentro não e quando você vê né, é porque ralou muito para estar lá [...] racismo ainda prevalece e muito né, até no fato de minha profissão eu já sofri por causa disso e vários parceiros meus já sofreram também, então eu acho que é uma parada assim mais mascarada mesmo né, entendeu. Eles passam aquilo que realmente todo mundo esta acostumado a ver na televisão "ah, em Rondon tem Oktoberfest", nego vem do Brasil inteiro pra cá e isso e aquilo, "lá em Rondon tem um cartão postal ali que é o portal, tem isso e aquilo ali" né cara, mas esquece do povo, entendeu.[63]
>
> **Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação depois de ter contato com a cidade?**
> Com a questão da chácara?
>
> **De tudo.**
> (risos) Da cor né [...] chegava em um lugar as pessoas te olharem e... diferente né, e você ter o dinheiro para comprar ali e... os caras pensavam dez vezes antes de vender né, então ele já te olhava, olhava, e mesmo com dinheiro na mão você vai dar entrada mas será que as prestações você vai pagar né.[64]

É importante evidenciar ainda, que o estranhamento étnico é percebido, não somente pelos entrevistados afro-descendentes, mas igualmente destacado por entrevistados de descendência européia:

---

[63] McCABEÇA. *Transcrição de entrevistas*/acervo pessoal. Marechal Cândido Rodon, 13 jan. 2006, p.99.
[64] NEGÃO DO RIO. *Transcrição de entrevistas*/acervo pessoal. Marechal Cândido Rodon, 03 jan. 2006, p.16.

Em relação à cidade de Rondon, o que você poderia dizer? O que está bom, o que precisa mudar?
Rondon!? Olha, eu acho que é uma cidade muito preconceituosa ainda, muito, muito, muito. Não sei, se é por causa que ela foi colonizada por alemães, ou porque eu não sei dizer mas, acho que as pessoas poderiam evoluir um pouco mais assim, né cara, em termos assim, socialmente né. Tem bastante discriminação aqui ainda, né cara.[65]

Sobre a sociedade de Rondon, o que está bom e o que precisa mudar?
Acho que é aquela idéia lá de abrir a mente pra outras coisas também né, esquecer que, esse negócio, que é só de alemão e germânico, hoje em dia não tem mais disso [...] e o povo de Rondon fica na mesma né, com aquela mesma idéiazinha de "ha não! é preto, é branco, é marrom é não sei o que," isso eu acho que é "paia pra caramba" né, e tem bastante disso aqui em Rondon, que eu acho que é errado né.[66]

E como é que você encara essa questão da germanização do município?
[...] acho que a idéia deles, era aquela utopia deles né, "ah! aqui só vai ter esse povo" né, muito ligado ao preconceito, que é muito arraigado principalmente nos germânicos né, e eu vejo que é meio que uma coisa que eles acharam que ia sempre ser assim né, mas no fundo não tem condições né. Hoje em dia a coisa não é mais assim, o município cresceu, a cidade desenvolveu, vai vir gente de tudo quanto é lugar [...] não dá pra dizer que no Brasil vai ter uma ilha isolada, onde só vai ter determinada origem étnica, isso é uma bobagem né. Eu vejo que isso aí é uma coisa que só funciona na cabeça de algumas pessoas ali que organizam, que ainda por cima pessoas que dominam a sociedade né, daqui né, mais isso gera uma quase, uma relação de segregação social até né, porque normalmente quem é de outra origem étnica já recebe uma pré-concepção e já é colocada meio de lado nessa sociedade.[67]

É justamente esta identidade forjada e imposta em nome da maioria que, por meio da alteridade, implica diretamente em relações de estranhamentos nas práticas cotidianas da comunidade rondonense. Não se trata de conflitos entre identidades puras ou estáticas. Mesmo porque, em pleno século XXI, é preciso atentar para o caráter híbrido de toda e qualquer formulação identitária.[68]

Em um mundo tão fluidamente interconectado as sedimentações identitárias (etnia, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e

---

[65] CARRIER, op. cit. p.130.
[66] BOBY. *Transcrição de entrevistas*/acervo pessoal. Marechal Cândido Rodon, 13 fev. 2006, p.115.
[67] TATOO. op. cit. p.149.
[68] Sobre identidades hibridas ver CANCLINI, Néstor García. *Culturas hibridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

transnacionais. São interstícios do mundo contemporâneo, que fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, dando início a novos signos de identidade.

Contudo, o hibridismo cultural não se presta a um cosmopolitismo absoluto. É um movimento paradoxal, no qual, se verifica aquilo que Stuart Hall define de "proliferação subalterna da diferença", ou seja, as coisas parecem mais ou menos semelhantes entre si, entretanto, ao mesmo tempo, há uma proliferação das diferenças. É em torno destas diferenças, que as formulações identitárias, ainda que híbridas, possibilitam as relações de estranhamentos.

Neste sentido, em Rondon, o critério de aceitação nos quadros das práticas culturais hegemônicas, se dá mais em função de uma adaptação a identidade imposta, do que, simplesmente, pela característica étnica que se possui, ainda que esta também seja determinante. Em função desta dinâmica é que podemos identificar os adictos enquanto "contra-sujeitos" que habitam uma "contra-cidade". São moradores de Rondon não adaptados aos ideais, inclusive morais, da retórica germânica. Em relação à "cidade germânica", estes "contra-sujeitos" não a recusam totalmente, mas não se enquadram adequadamente. Seu estilo de vida, ao mesmo tempo em que diverge das práticas comumente aceitas, reelaboram uma outra cidade, uma cidade mais diversa, representada em grande medida na multiplicidade de sujeitos e práticas presentes na praça central.